

Sociedade Cultural e Religiosa
Ilê Alaketu Àṣe Babá Olorigin



PLANTANDO AXÉ

do lugar sagrado ao território da
militância e da resistências cultural



**Sociedade Cultural e Religiosa
Ilè Alaketu Àṣe Babá Olorigin**

PLANTANDO AXÉ
do lugar sagrado ao espaço da militância e da
resistência cultural

Ituiutaba, MG
2016



© Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigbin, 2016.
Editor: Anderson Pereira Portuguez.
Editoração: Leandro Pedro.
Arte da capa: E-books Barlavento. Pôr do sol em Ituiutaba, MG.

Contatos:

E-Books *Barlavento*

CNPJ: 19614993000110. Prefixo editorial: 68066 / Braço editorial da
Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigbin.

Rua das Orquídeas, 399, Cidade Jardim, CEP38.307-854, Ituiutaba, MG.

Tel: 55-34-32689168 e 55-34-88629391

ileasebabaolorigbin@yahoo.com.br

Conselho Editorial da E-books Barlavento:

Mical de Melo Marcelino (Editor-chefe).

Anderson Pereira Portuguez

Antônio de Oliveira Junior.

Claudia Neu.

Giovanni F. Seabra.

Hélio Carlos Miranda de Oliveira

Leonor Franco de Araújo

Maria Izabel de Carvalho Pereira.

Jean Carlos Vieira Santos

Plantando axé: do lugar sagrado ao espaço da militância e da
resistência cultural / Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse
Babá Olorigbin. Ituiutaba: Barlavento, 2016, 93p.

ISBN: 978-85-68066-19-5

1. **1. Religião. 2. Responsabilidade Social. 3. Cultura Afro-Brasileira.**
4. Movimento Social. 5. Território.
I. Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigbin.

Todos os direitos desta edição foram reservados à Sociedade Cultural e
Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigbin. É expressamente proibida a
reprodução desta obra para qualquer fim e por qualquer meio.

Mo Júbà

À Olodumare, pela vida repleta de alegrias e pela oportunidade de divulgar mais essa produção de nosso Ilè;

Aos nossos ancestrais, que sempre nos emparam e nos protegem;

Ao nosso Pai Osalá, nosso rei, nossa fonte de luz e conforto;

Ao Conselho Religioso e todos os filhos, filhas, amigos e amigas da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Àse Babá Olorigin;

Aos leitores queridos, que sempre leem e divulgam nossos trabalhos.

SOBRE ESSA OBRA

O presente livro relata a trajetória de fundação e consolidação da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigbin. Trata-se de um registro memorial, redigido para comemorar o 3º ano de fundação da instituição, que desde 2013 vem propagando o culto aos Orisás em terras ituiutabanas, além de empreender ações de responsabilidade social em Ituiutaba, MG.

A obra reúne capítulos escritos por pesquisadores e membros da Instituição e tem como propósitos: a) registrar a memória da organização; b) mostrar o panorama das religiões de matriz afro-brasileira em Ituiutaba; c) relatar a trajetória dos fundadores do terreiro, em especial a do seu Babalorisá; d) apresentar os resultados já alcançados pelos projetos sociais do terreiro, em especial o “Projeto Plantando Axé”, criado para ampliar as relações do grupo religioso com as comunidades de seu entorno.

O livro traz o seu regimento em apêndice, que acreditamos ser importante fonte de estudos e orientação de conduta para seus novos membros. É, portanto, um documento de grande importância para os novos membros da Sociedade e para interessados em conhecer a dinâmica de funcionamento da casa.

Desejamos que esse seja o primeiro de muitos livros da Organização, que entende que as casas de matriz afro-brasileira necessitam ter suas memórias registradas, pois há nos meios jornalístico e acadêmico, um grande silêncio sobre nossas tradições e visão de mundo. É chegada a hora de falarmos de nós mesmos, de nossos feitos e de nossas trajetórias para que, pelo menos entre nós, a história seja valorizada e registrada.

Mical de Melo Marcelino
Editora-chefe – E-books Barlavento

SUMÁRIO

A Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Àse Babá Olorigbin no contexto de Ituiutaba	8
O lugar das religiões afro-brasileiras em Ituiutaba, MG	15
Entre registros e recordações: biografia do fundador do Ilè Alaketu Àse Babá Olorigbin	22
A criação da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Asé Babá Olorigbin	41
Do lugar sagrado ao espaço da militância : a responsabilidade social como valor da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Àse Babá Olorigbin	48
Sobre os autores	63
Referências	64
Apêndice: Regimento Interno da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alákétu Asé Bàbá Òlòrigbìn	67

A SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ ALAKETU ÀSE BABÁ OLORIGIN NO CONTEXTO DE ITUIUTABA

Colignon Junio Freitas

Leandro Pedro

O município de Ituiutaba pertence à mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, localizado a oeste do Estado de Minas Gerais. A cidade é o principal centro urbano do Pontal do Triângulo Mineiro, possuindo importante papel no dinamismo econômico regional. O município possui uma população de aproximadamente 102.690 habitantes, em um território de 2.598,046 Km² (IBGE, 2014)¹.

A população de Ituiutaba é predominantemente urbana (96%), embora a cultura rural se faça presente no cotidiano de muitas famílias, sobretudo nos bairros mais populares, onde ainda se vê nos dias de hoje o apego à terra, às práticas de agricultura de quintal e o trato de jardins e calçadas. Embora Ituiutaba seja uma cidade de médio porte, os ares da modernidade urbana já começam a se fazer presentes no modo de ser da população ituiutabana (FREITAS, 2015).

¹ Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acessado em 19 de outubro de 2016.



Fonte: MOURA e Damasceno (2011, p. 268).

De acordo com os dados disponibilizados pelo IBGE² no senso demográfico de 2010, a maior parte da população se declarou cristã (espírita, católica ou evangélica). Entretanto, já naquela coleta demográfica, observava-se a existência de pequenos contingentes de religiosos adeptos ao espiritualismo, umbanda, candomblé e demais religiosidades de matriz afro-brasileira, como o Omolokò, por exemplo. Há ainda benzedeadas e benzedores tradicionais e muitos praticantes do Catolicismo popular.

O gráfico 1 contrasta o quantitativo de espíritas (4,5% da população total) com o quantitativo de umbandistas (1,25% da população total) e candomblecistas (0,55% da população total). Optamos por apresentar os dados da população espírita, pois muitos umbandistas e candomblecistas assim se

² Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acessado em 19 de outubro de 2016.

autodenominam, ainda que saibam que espíritas, são os seguidores da doutrina kardecista (PORTUGUEZ, 2016, sp). .



Fonte: Portugal (2016, sp.).

Acreditamos que tal autodesignação mascara o verdadeiro número de seguidores da Umbanda e do Candomblé em Ituiutaba. Ser um adepto das religiões de matriz afro-brasileira³ é, infelizmente, algo

³ Utilizaremos a expressão “religiões de matriz afro-brasileira” para designar as religiões nascidas no Brasil, ainda que com características predominantemente inspiradas pela cultura africana. Em nosso entendimento a expressão “religiões de matriz africana” deve ser de uso mais restrito, cabendo apenas àquelas que nasceram na África e que são praticadas no Brasil seguindo as liturgias tradicionais dos povos Jeje, Iorubá e Bantu (PORTUGUEZ, 2015, p. 11).

contraditoriamente prazeroso e constrangedor para muitos indivíduos que temem ser tratados com preconceito caso declarem suas verdadeiras vinculações de fé (PORTUGUEZ, 2015).

Em Ituiutaba, pode-se constatar empiricamente que a prática dessas religiosidades populares se dá predominantemente em espaços pertencentes às residências, de modo que a informalidade ainda é uma realidade majoritária entre os praticantes de religiões afro-brasileiras. São poucos os templos que de fato foram estruturados para serem terreiros⁴ de Umbanda, Candomblé ou Omolokò. A construção de um templo e sua formalização legal geram custos inalcançáveis para os praticantes, que não se vêm em condições de arcar com obras e com a complexidade documental que a legalização exige.

A formalização das casas é um fenômeno recente no município, mas pode-se dizer que também o é em boa parte do território nacional. Até a presente data, apenas o *Ilè Alaketu Àse Babá Olorigin* possui estatuto registrado em cartório, CNPJ, licença ambiental, registro na Federação e protocolo de entrada no processo de expedição do alvará de funcionamento junto à Prefeitura.

No entanto, há uma crescente tendência de reestruturação dos terreiros, que buscam cada vez mais a formalização junto aos órgãos públicos do município. Isso se deve, entre outros motivos, ao aumento do registro de casos de intolerância religiosa no Brasil e à

⁴ “Terreiro” é um termo popular, geralmente utilizado para designar os templos nos quais se praticam as religiões tradicionais de matriz afro-brasileira: Umbanda, Candomblé, Omolokò e outras. De acordo com a região do Brasil, ou com o segmento religioso, Os templos podem ainda serem chamados de: casa, tenda, roça, barracão e outros (PEREIRA, 2015).

possibilidade de acesso a recursos advindos de políticas afirmativas.

O Ilê Alaketu Asé Babá Olorigin é, nesse sentido, uma instituição pioneira em Ituiutaba, pois embora seja uma casa nova, foi a primeira a se regularizar tanto na Prefeitura Municipal de Ituiutaba, como também na Federação Espírita, Umbandista e Candomblé de Minas Gerais.

O terreiro ocupa o terreno de número 399 da Rua das Orquídeas, bairro Residencial Cidade Jardim, na borda sul do município, nas proximidades dos bairros Pirapitinga, Camilo Chaves e Lagoa Azul II, entre outros. São bairros de população de classe média, mas também de população de baixa renda, em sua maioria habitantes de loteamentos de habitações populares que surgiram a partir do “Programa Minha Casa Minha Vida” do Governo Federal.

O terreiro foi a construção pioneira do loteamento Cidade Jardim, cujo terreno fora adquirido quando esse ainda não possuía nenhuma infraestrutura. A construção do complexo templário se deu de forma rápida, ainda que o bairro não possuísse água, luz ou mesmo todas as suas ruas pavimentadas. Foi o desejo de edificar um terreiro digno do culto aos Orisás que deu forças e meios para que os filhos e o sacerdote da casa pudessem empreender tal obra diante de tantas limitações e dificuldades.



Figura 1: Localização da instituição estudada.
Fonte: Portuguez (2016, sp).

Passados 3 anos desde a criação da casa, atualmente o terreiro se encontra em sua fase final de edificação, pois o barracão principal já se encontra finalizado e em pleno uso social.

A instituição, além de abrigar atividades religiosas, abriga ainda uma série de ações de promoção do bem-estar social, sobretudo nas áreas de educação ambiental, orientação para a saúde coletiva e incentivo à educação inclusiva e para a diversidade.

Nessa obra, apresentaremos os fatos e feitos dessa instituição, que cada dia mais se consolida como referência para os praticantes de religiões de matriz africana e afro-brasileira em Ituiutaba e região. Esperamos oferecer aos leitores, não somente um registro memorial, mas um instrumento de fortalecimento dos valores que norteiam a religião dos Orisás e a cultura afrodescendente.

O LUGAR DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS EM ITUIUTABA, MG

Anderson Pereira Portuguesez

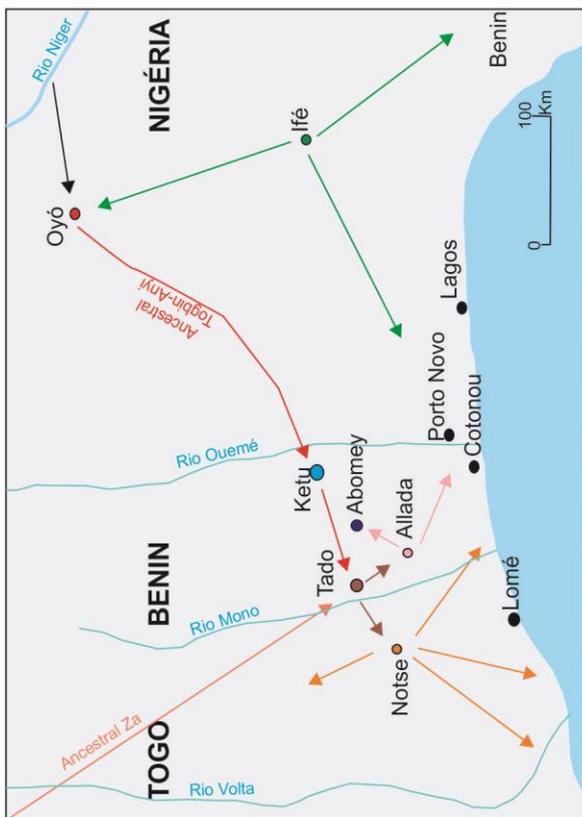
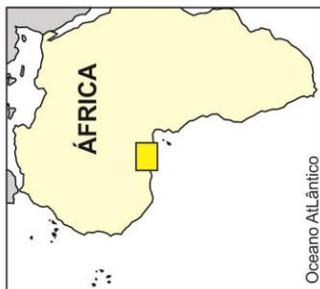
Em trabalho anterior (Portuguez, 2015), afirmamos que o Candomblé é uma religião brasileira que nasceu no século XIX a partir da fusão de uma série de cultos a divindades africanas, que foram trazidos para o Brasil durante o período escravocrata (Século XVI a XIX).

Em África existem manifestações religiosas diferenciadas, cada uma guardando aspectos muito locais ou regionais. Porém, no Brasil, no recinto angustiante das senzalas ou em confrarias e quilombos, os africanos e seus descendentes criaram toda uma ritualística que sintetiza tais cultos e o sistematizaram de forma operacional.

Nasceu assim, a religião brasileira dos Orixás em terras baianas no século XIX, a partir de tradições de povos Iorubás (ou nagôs) com influências de costumes trazidos por grupos Fons (também chamados de Jejes), bantos e, residualmente, por outros grupos africanos minoritários. Geograficamente, os países africanos cujos povos mais contribuíram para a formação do que hoje chamamos de Candomblés Ketu foram: Nigéria, Benin, Togo, Gana e proximidades (Figura 2).

Em África, aliás, os contatos culturais entre esses povos já eram intensos e de longa data (comércio, guerras, etc.), o que possibilitou a fusão de traços culturais antes mesmo do mercantilismo escravocrata (Figura 3).

Fluxos migratórios internos na Costa dos Escravos a partir do século XIII



Fonte: Adaptado de Medeiros, F. (org.), *apud* PARES, L. N. (2 Ed., 2007, p. 32).
Elaboração: Portuguese, A. P. (2015).

O candomblé Iorubá, ou jeje-nagô, como costuma ser designado, congregou, desde o início, aspectos culturais originários de diferentes cidades iorubanas, originando-se aqui diferentes ritos, ou nações de candomblé, predominando em cada nação tradições da cidades ou região que acabou lhe emprestando o nome (PRANDI, 2001, p. 44).

Ao descrever o Candomblé *Nação Ketu* (de matriz Iorubá), Portuguesez (2015) afirmou que dos muitos Orisás e divindades que vieram para o Brasil nas mentes e corações dos africanos, cerca de 30 ainda são bastante cultuados e conhecidos nos dias atuais. Afirmou o autor que "(...) as confrarias e senzalas funcionaram como locais de convívio e hibridização genética, cultural e identitária de diferentes nações africanas, dando origem a uma complexa e diversificada descendência “étnico-racial” (p. 56-57).

O Panteão Iorubá cultuado no Brasil é composto, sobretudo, pelos seguintes Orisás/Divindades: Babá Egungun, Iyami Osorongá, Esú, Ogun, Osoossi, Yabá Otin, Ossâyin, Obaluae, Osumarè, Iroko, Nanã Burukú, Iyewá, Yòba, Oyá, Logun Edé, Osun, Olokun, Ajè Saluga, Yemonja, Sangò, Ayrá, Ibeiji, Orimilá-Ifá, Onilé, Osooquion, Orisá Okò, Orisá Oke, Ajalá, Ossoolufon e outros.

As práticas religiosas que ocorrem no Brasil são de fato afro-brasileiras, pois não são exatamente como se faz (ou eram feitas) na África. Houve a necessidade de adaptação dos cultos a uma nova geografia, à disponibilidade de instrumentos rituais, folhas, fauna e outros aspectos. De toda forma, os conhecimentos herdados dos antepassados são atualmente partes de nossa cultura e devem ser entendidas e respeitadas

como tal. Em outros termos, as comunidades de terreiros são plurais e praticam uma religiosidade de base plural (PORTUGUEZ, 2015, p. 63).

Existem muitas manifestações de fé, religiosidades e religiões de matriz afro-brasileira no Brasil. Tais manifestações são tão pouco estudadas, que algumas como o Torê e o Vuduismo sequer possuem registros oficiais ou acadêmicos. Entretanto, autores como Prisco (2012), Verger (2012) Carneiro (2014), Pereira (2014) e Portuguez (2015), acreditam que no total, cerca duas dezenas de cultos distintos possam ser considerados como os mais comuns: Candomblé, Culto a Orumilá-Ifá, Pajelança Afro-Indígena, Omolokò, Cabula, Culto aos Egungun, Catimbó-Jurema (ou Jurema), Umbanda, Quimbanda, Xambá, Terecô, Batucada e Tambor de Mina.

Dentre as religiões citadas, algumas puderam ser encontradas em Ituiutaba (quadro 1), muitas vezes sendo praticadas de forma isolada, mas também dividindo espaço com outras em um mesmo templo. São elas:

Quadro 1: Principais religiões de matrizes africana e afro-brasileiras de Ituiutaba, MG

Religião	Características e ocorrência em Ituiutaba
Candomblé	<ul style="list-style-type: none"> • O Candomblé é uma religião brasileira em meados do século XIX a partir do enraizamento cultural de africanos escravizados. Por meio do culto aos ancestrais e aos Orixás, Voduns e Nquices, os candomblecistas recebem as bênçãos da espiritualidade (axé), para que tenham uma vida próspera e regrada dentro do sistema moral-ético ditado pela tradição desses cultos. • Em Ituiutaba existem dois terreiros abertos de Candomblé raiz Ketu e dois desativados, sendo um de raiz Ketu e outro de raiz Angola. Existem

	<p>ainda alguns candomblecistas que frequentam terreiros localizados em outras cidades (Brasília, Uberlândia, Uberaba, Cabo Frio e outras).</p> <ul style="list-style-type: none"> • As casas de Candomblé de Ituiutaba são espaços de práticas multirreligiosas, pois o culto aos Orixás não detêm exclusividade nos espaços sagrados. Geralmente os terreiros organizam-se de modo a possuírem calendários de cultos do Candomblé, da Umbanda e do culto a Orumilá-Ifá.
Culto a Orumilá-Ifá	<ul style="list-style-type: none"> • Embora tenhamos registros desse culto no Brasil desde a vinda dos primeiros babalaôs (sacerdotes do culto), foi somente na década de 1990 que o culto a Orumilá-Ifá cresceu e adquiriu maior organização institucional e, atualmente, mostra-se como um dos mais fortes. Esse culto é considerado o mais “africanizado” que existe no Brasil. • Em Ituiutaba, não há na atualidade templos dedicados unicamente a Orumilá-Ifá. O que ocorre é que algumas práticas do referido culto foram incorporadas à ritualística do Candomblé ituiutabano.
Umbanda	<ul style="list-style-type: none"> • Religião brasileira que surgiu no início do século XX, a partir do sincretismo das fés indígenas, africanas e europeias. Na Umbanda, os espíritos (ou desencarnados) se manifestam por meio da incorporação mediúnica para dar conselhos para os frequentadores e neles ministrar passes. Prega a evolução espiritual por meio da reencarnação e aprimoramento do comportamento pessoal. • Em Ituiutaba há, oficialmente, poucos umbandistas declarados, conforme dados citados do IBGE. Entretanto há uma grande quantidade de frequentadores assíduos dos terreiros que se espalham por toda a cidade. Geralmente os atendimentos são realizados em residências, com poucos casos de templos que foram de fato edificadas para tal fim. • Ituiutaba não dispõe de registros ou estudos que tenham mapeado os terreiros de Umbanda com

	<p>clareza e metodologia adequada. Os trabalhos de campo que fizemos mostram, no entanto, que existem aproximadamente 10 terreiros na cidade, sendo que alguns deles são espaços residenciais adaptados e outros são terreiros de Candomblé que também praticam ritos de Umbanda.</p>
Omolokò	<ul style="list-style-type: none"> • É um culto semelhante ao de Umbanda, mas com traços fortes de africanização das práticas rituais, sobretudo com a incorporação de ritos de iniciação próprios para os Orixás. • Observamos que o Omolokò é muito confundido com a Umbanda em Ituiutaba. Existem muitos religiosos que se dizem “umbandistas iniciados” em ritos diferentes daqueles praticados no Candomblé.
Outros cultos	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Babá Egungun</i>. Trata-se de um culto pouco difundido no Brasil. O culto principal aos Egungun é praticado na Ilha de Itaparica no Estado da Bahia, mas existem casas dedicadas a esse culto em outros Estados. Em Ituiutaba não há templos dedicados exclusivamente a esse culto, mas o <i>Ilè Alaketu Àse Babá Olorigin</i> possui um fragmento de rito dedicado a um de seus ancestrais divinizados. • <i>Quimbanda</i>: É uma religião pouco estudada, muitas vezes considerada como culto a espíritos e divindades que praticam o bem e o mal em troca de “pagamentos”. Também é considerada como o lado oposto da Umbanda (sua esquerda), podendo ser ou não, praticadas em conjunto nas mesmas casas. Em Ituiutaba não foi identificado nenhum templo de Quimbanda, mas duas famílias assumiram praticá-la. Há alguns seguidores desse culto. Como se trata de ritual muito fechado, secreto, dados sobre ele são difíceis de serem obtidos.

Fonte: PORTUGUEZ (2016, sp).

ENTRE REGISTROS E RECORDAÇÕES: BIOGRAFIA DO FUNDADOR DO ILÈ ALAKETU ÀSE BABÁ OLORIGIN

Douglas Ronaldo Silva

Natália Caroline Silva Nery

Anderson Pereira Portuguez, ou Babalorisá Anderson T’Osalá, nasceu em 22 de fevereiro de 1971 na pequena cidade de Bom Jesus do Itabapoana, RJ, na divisa entre os Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. É filho da Sra. Maria Izabel de Carvalho Pereira e do Sr. Raulino Alves Portuguez, ambos conhecedores da doutrina Kardecista, que tiveram ainda mais um filho, Sr. Eric Pereira Portuguez, 6 anos mais novo que o Babá Anderson T’Osalá.



Foto 1: Babalorisá Anderson T’Osalá (2016).

O Babá Eric T’Odé, além de irmão carnal do Babá Anderson T’Osalá, também é seu irmão-de-santo, pois

ambos foram iniciados pelo mesmo Babalorisá, ainda que muito cedo tenham partido para rumos diferentes dentro dos cultos de Orisá.

Em 1975, a família mudou-se da pequena Bom Jesus do Norte, ES para a cidade Cariacica, localizada na Grande Vitória (ES). Essa mudança se fez necessário, pois o pai e a mãe de Babá Anderson T'Osalá se tornaram funcionários públicos, ambos trabalhando em setores do antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS, atual INSS).

A Sra. Maria Izabel, como todas as filhas da Orisá Iyemonjá, é uma mulher forte, decidida, imperiosa e foi a grande responsável pela educação dos filhos, pois se separou de ex-marido pouco tempo depois do nascimento de seu segundo filho. É escritora e é formada em Línguas e Letras (Português e Inglês) pela Faculdade de Itaperuna, RJ.

Para acompanhar o Babá Anderson T'Osalá em sua iniciação na Umbanda, a Sra. Maria Izabel tornou-se membro do corpo mediúnico do Centro Espírita Orixalá, em Vila Velha, ES, em meados de 1986. Desde então, usando suas habilidades de pesquisa e estudo da doutrina Kardecista, tornou-se doutrinadora com respeitada autoridade nos cultos de Umbanda do Espírito Santo, sendo presidente de pelo menos 3 terreiros por cerca de 30 anos ininterruptos. Atualmente, administra uma casa em fase de organização na sua cidade natal, São José do Calçado, para onde regressou em 2013 com quase toda sua família.

O Sr. Raulino falecido em 24 de setembro de 2001, era advogado e assim como a Sra. Maria Izabel, era aposentado. Vivia desde meados dos anos 1970 na cidade de Colatina, no norte do Espírito Santo, onde permaneceu

após sua separação conjugal. Era um homem divertido, sempre brincalhão e emotivo, mas também muito teimoso. Há quem diga que a teimosia de Babá Anderson T'Osalá fora herdada de seu pai. O Sr. Raulino era advogado, formado pela Faculdade de Direito de Colatina (turma de 1981). Nunca chegou a exercer plenamente a profissão, pois dedicou-se ao serviço público Federal até sua aposentadoria. O Sr. Raulino foi um homem de saúde frágil, tendo falecido aos 55 anos de idade, poucos meses após ter descoberto estar com câncer.

Babá Anderson cresceu, portanto, sob os cuidados de sua mãe e parte de sua família materna. O Sr. Raulino vinha de Colatina para Vitória todos os finais de semana, ano após ano para visitar os filhos nos finais de semana. Porém, ao adoecer, já mais frágil, parou de ir para Vitória, até porque os filhos passaram a ir visita-lo em Colatina, onde vivia com sua segunda esposa, a Senhora Rosa Guimarães, que sempre foi muito querida como madrastra.

Babá Anderson T'Osalá estudou em três escolas durante o Ensino Fundamental: Escola Ludovico Pavoni, Escola Monte Serrat e Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória (todas em Vitória, ES). Seu ensino médio (Técnico em Contabilidade) foi cursado no Colégio Cenecista Dr. João dos Santos Neves (Vila Velha, ES).

Graduou-se em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo em 1993. Cursou pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Escolar na FAESA-Faculdade Espírito Santense de Administração em 1994. Entre os anos de 1996 e 1998, cursou Mestrado em Geografia Humana na Universidade de São Paulo e entre

2006 e 2010, doutorou-se em Geografia pela Universidad Complutense de Madrid (Espanha).

Atualmente é professor do Curso de Geografia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal/Universidade Federal de Uberlândia, onde também atua como docente permanente na área de Geografia Cultural e do Turismo do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal (PPGEP/FACIP-UFU).

Até o presente momento, escreveu e organizou mais de 20 livros, todos sobre turismo, cultura, patrimônio cultural e religiosidade popular. Publicou trabalhos científicos em Cuba, Chile, Peru, Costa Rica, Portugal, Espanha, Moçambique, Cabo Verde, Angola e outros países.

Os primeiros passos nos terreiros de Umbanda

Em 1986, aos 15 anos de idade, Babá Anderson presenciou uma incorporação mediúnicamente pela primeira vez, que ocorreu na noite de natal, quando sua tia, Dona Lucineia Detman, casada com seu tio por descendência materna, Seu Rui Carvalho Pereira, incorporou uma entidade desconhecida que viera dar alguns recados para a família. Dona Lucineia trabalhava habitualmente com o Preto Velho Pai João de Angola, com o Caboclo Tupinambá, Seu Marinheiro, com duas crianças espirituais (Luizinho e Mariazinha), um Exu e uma Pomba-Gira Cigana.

Durante alguns meses, o Babá Anderson T'Osala frequentou algumas giras que dona Lucineia abria em um terreiro improvisado nos fundos de sua casa no bairro Campo Grande, no município capixaba de Cariacica. Foi

ali, naquele ceio íntimo e familiar que Babá Anderson T’Osala apaixonou-se pelo contato com as entidades de Umbanda, amor que mantém até os dias atuais. Porém, esses encontros duraram poucos meses, pois questões pessoais levaram sua tia a interromper os encontros semanais.

No altar de Dona Lucinéia, havia uma estatueta em gesso de Pai João de Angola. Essa mesma estatueta foi guardada carinhosamente pelo Babá Anderson T’Osala após o fechamento do quarto de atendimentos de sua tia e atualmente encontra-se em seu terreiro em Ituiutaba. No Ilê Alaketu Asé Babá Òlòrigbìn, no quarto dedicado às entidades de Umbanda, a estatueta encontra-se preservada no altar, ao lado das outras poucas imagens de Umbanda.



Foto 2: Imagem em gesso de Pai João de Angola, que pertencera a Dona Lucinéia entre 1985 e 1986.

Em meados de 1986, aos 16 anos de idade, depois de passar alguns meses buscando um novo terreiro para frequentar, o Babá Anderson T'Osalá resolveu visitar (com seu padrasto e seu tio Rui) o Centro Espírita Orixalá, localizado no Bairro Itaparica, em Vila Velha (ES). A primeira vez que foram junto àquela Casa, ficaram espantados com o tamanho do terreiro, assim como com o elevadíssimo número de médiuns. Mais de 100 pessoas perfilavam-se de um lado e de outro do terreiro durante os cânticos de abertura. O ambiente era acolhedor, mas como a gira era bastante demorada, deixaram para ser atendidos em outro dia.



Foto 3: Imagem atual do interior do Centro Espírita Orixalá, casa de Umbanda localizada em Vila Velha, ES. Fonte: www.facebook.com/pages/Centro-Espirita-orixala/. Acesso em 28/07/2015.

Com o tempo, Babá Anderson T’Osalá passou a frequentar o Centro Espírita Orixalá⁵ com assiduidade, sentando-se na assistência, no lado reservado aos homens, ainda que em seu interior desejasse mesmo era estar na parte reservada aos médiuns da casa. Algo ali lhe atraía. Certa feita, ao ser atendido por um dos Pretos-Velhos da casa, cujo nome não se recorda, foi orientado a pegar uma senha para atendimento com o Caboclo Ubiratã, que era o mentor da casa, para que dele obtivesse autorização para desenvolvimento mediúnico.

Falar com o Caboclo Ubiratã, que incorporava no médium Oloídes Pereira, não era tarefa fácil. As filas eram extensas e demoradas. Tentou por algumas vezes, mas sem sucesso, tamanha era a procura por uma senha de atendimento com esse grande senhor. O Caboclo Ubiratã chegava por volta das 16 horas dos sábados, e atendia às vezes centenas de pessoas, que passavam toda a noite e madrugada a espera de uma palavra de consolo, ou uma receita para suas dores físicas e espirituais.

Certo dia, sem conseguir ser atendido, Babá Anderson T’Osalá foi por conta própria em uma gira reservada, sem antes ter pedido autorização para fazer-se presente no terreiro. Era uma gira de desenvolvimento mediúnico, na qual a assistência não ia. Essas giras eram mensais e muito proveitosas para os novatos da casa. No caminho, que era escuro, sem iluminação (por volta das 19 horas) e ainda em estrada de chão, ao passar pela última encruzilhada antes de chegar ao terreiro, o jovem adolescente deparou-se com um despacho feito por outra casa. De repente, no meio da escuridão, dois cães negros e assustadores, grandes e ferozes avançaram sobre Babá

⁵ Embora esse terreiro utilize o termo “Centro Espírita”, não se trata de templo Kardecista, mas sim uma casa de Umbanda Cristã.

Anderson T’Osalá, que mesmo apavorado, decidiu não olhar diretamente para os animais. Passou direto pela encruzilhada e rumou sem apressar-se em direção ao terreiro. Poucos passos depois, olhou para trás e não viu animal algum.

Poucas vezes essa história foi relatada e poucas pessoas sabem desse episódio. Mas logo que adentrou o terreiro e se acomodou, de lá de seu lugar junto ao congá, o Caboclo Ubiratã gritou:

“Ei, filho que está com a mão no rosto, venha de branco na próxima gira, você tem que começar a desenvolver a sua mediunidade”.

Babá Anderson T’Osalá acredita que tenha passado por um trabalho de magia pesada no caminho para o Centro Espírita Orixalá e que os cães que viu “não eram do mundo físico”. Acredita também que ao chegar à casa do Caboclo Ubiratã, esse já sabia o que teria acabado de ocorrer e por isso deu ordem para ele entrar para o corpo mediúnico.

Sua mãe, Sra. Maria Izabel, incomodou-se no começo com a ideia de seu filho ir tão jovem para um terreiro. Porém, ao passar a frequentar a casa para acompanhá-lo, foi logo convidada a pôr o uniforme branco e, bem pouco tempo depois, já era considerada uma das principais doutrinadoras da casa. Meses depois de sua entrada, a Sra. Maria Izabel vestiu o uniforme azul-turquesa da diretoria, assumindo a presidência do Centro Espírita Orixalá por alguns anos.

As palestras de doutrinação da Sra. Maria Izabel eram ouvidas com muita frequência. Costumava dividir essa tarefa com outros doutrinadores, como Seu Oseas, mais antigo na Casa, com quem estabeleceu fortes laços

de amizade. Durante a presidência de Dona Maria Izabel, muitos membros da família de Babá Anderson T'Osalá tornaram-se umbandistas, alguns o são até os dias atuais.

Foi no dia 13 de setembro de 1986, por volta de 18 horas que as entidades do Babá Anderson T'Osalá chegaram pela primeira vez: o Caboclo Ubirajara, o Preto-Velho Pai Joaquim e uma criança espiritual tímida, que naquela casa era chamada de Joãozinho⁶. É por esse motivo que no Ilê Alaketu Àse Babá Olorigin, comemora-se até hoje o dia 13 de setembro como dia dos mentores das giras de Umbanda.

Alguns anos após entrar no Centro Espírita Orixalá, por orientação dos guias espirituais da família de Babá Anderson T'Osalá, os médiuns consanguíneos e alguns amigos passaram a se reunir para estudos da Doutrina Espírita todos os domingos em sua residência. Esses encontros ocorreram duraram longos anos, sempre às 17 horas e, aos poucos, evoluíram para a formação de um novo terreiro formado pela família anfitriã dos estudos e seus colaboradores. Naquela época, todos frequentavam o Centro Espírita Orixalá.

Desligaram-se oficialmente daquela casa em 1990 e fundaram a Fraternidade e Luz Pai João de Angola, cujo nome homenageava o Preto-Velho da médium Lucineia Detman. Durante toda a sua existência (23/12/1991-08/06/2013) a Fraternidade foi presidida pela Sra. Maria Izabel e governada pelo Preto-Velho Pai Benedito, que incorporava na sua tia pelo lado materno, Sra. Shirley de Fátima Carvalho Pereira.

Mesmo sendo bastante ausente nesse período, em função de outras questões e prioridades de estudo e

⁶ Nos ritos do Candomblé, esse Erê é chamado de Águas Claras.

trabalho, Babá Anderson T’Osala sempre se sentiu (e de fato era) médium daquele terreiro, no qual trabalhou e dele guarda doces lembranças.



Foto 4: Antiga sede do Centro Fraternidade e Luz Pai João de Angola, em Vila Velha, ES. Fonte: *Google Street* (2016).

Em 2010, ao mudar-se para Ituiutaba para trabalhar no Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, Pai Joaquim de Aruanda - Preto-Velho que incorpora em Babá Anderson T’Osala, anunciou que este deveria intensificar seu trabalho espiritual na nova cidade, onde deveria abrir um terreiro para que a caridade pudesse ser praticada nessa nova terra. Em termos formais, pode-se dizer que Babá Anderson T’Osala desvinculou-se da Fraternidade Pai João apenas com seu fechamento, mesmo morando a muitos quilômetros de distância.

A saída de sua família de Vila Velha, em direção a São José do Calçado, pequeno município capixaba localizado na divisa dos Estados do Espírito Santo com

Rio de Janeiro ocorreu em 2013, quando por ordens da Espiritualidade, a Fraternidade Pai João foi fechada em definitivo, para que após a mudança, uma nova casa fosse criada. Surgiu então em 11/01/2014 a Fraternidade Pedra Dourada, que foi instalada na propriedade rural da Sra. Maria Izabel, a 2 km da cidade de São José do Calçado.

Da Umbanda para o Culto aos Orisás

Foi ainda no Centro Espírita Orixalá que Babá Anderson T'Osalá conheceu uma das entidades mais marcantes de sua trajetória espiritual, o Caboclo Cobra Coral, que incorporava em Dona Alda, médium muito querida por ele e sua família. Foi ele quem anunciou os nomes de algumas das entidades do Babá Anderson T'Osalá e certo dia, comunicou-lhe: “filho, você tem missão no Candomblé”. Até essa data, Babá Anderson T'Osalá nunca tinha ido a uma casa de Orisá antes, até porque o Candomblé era muito mal visto pelos dirigentes e pelas entidades que chefiavam o Centro Espírita Orixalá. Essa comunicação do Caboclo Cobra Coral se deu de forma reservada e em sigilo, pois ambos poderiam ser advertidos por travarem essa conversa.

Dona Alda se dizia filha da Orisá Nanà Burukú, mas não era iniciada no Candomblé, teria apenas tomado ebós e boris. Após a revelação desse caboclo, Babá Anderson T'Osalá sentiu-se curioso e foi então que teve sua primeira experiência com candomblé Angola, quando foi para a saída de Santo de seu amigo Luiz de Oxum e Sandro de Omolú na casa do Babalorisá Rogério de Iansã (também conhecido como Rogério Barra-Vento) na cidade de Serra, no Espírito Santo.

Foi levado por seu amigo Luiz Gustavo T'Odé e a beleza da festa o encantou profundamente, ainda que não pudesse compreender o ritual naquela época.

Depois, ainda na companhia de seu amigo Luiz Gustavo T'Odé, foi para uma saída de Sangò na casa do Babalorisá Marcelo T'Osoguion, em Serra, ES. Esse foi seu primeiro contato com a raiz ketu e com o Àse Osumarè, onde mais tarde iria se iniciar.

8 anos se passaram entre a entrada de Babá Anderson T'Osalá em uma casa de candomblé pela primeira vez e sua efetiva iniciação. Nesse período, o Babá Anderson T'Osalá visitou algumas casas localizadas na Grande Vitória, ES, estabelecendo amizades com yawos da casa dos Babalorisás Marcelo T'Osoguion e Marcos T'Omolu. Estabeleceu ainda amizade com Rogério T'Osun por volta de 1993, que mais tarde, em 1997, viria a se tornar seu Babalorisá e também de Eric T'Odé, seu irmão carnal.

Rogério T'Osun era filho de Marcos T'Omolu, cuja casa chamava-se Ilè Asé Olúwàyé Égbé Wàiyékan. Babá Marcos T'Omolu era (naquela época) do Àse Osumarè, sendo filho de Babá Paulo T'Ogun e neto da lendária Egbome Teodora T'Iyemonjá.

O terreiro de Babá Marcos T'Omolu se localizava logo nos primeiros lances da Escadaria Tenente Aristides, na subida do Morro da Piedade, próximo ao Parque Moscoso, no Centro de Vitória (ES). Em 1999, quando Babá Marcos T'Omolu mudou-se por uns tempos para Belo Horizonte, a Casa foi definitivamente fechada naquele endereço e o imóvel foi vendido.

O terreiro era pequeno, mas muito bem fundamentada, localizada em local de terreno irregular na subida do morro, de forma que o barracão ficava na parte

mais alta, a cozinha em plano mediano e a casa do sacerdote na parte mais baixa do terreno. Ali, em meio a pessoas simples, mas de muito axé, Babá Anderson T’Osalá deu seus primeiros passos rumo à sua iniciação.

A escolha de Babá Rogério T’Osun para ser seu iniciador se deu por um motivo singelo: eram amigos de grande cumplicidade. Babá Anderson tornou-se o primeiro yawo iniciado por Babá Rogério e com ele permaneceu até 2014.

No ano de 1997, a iniciação de Babá Anderson T’Osalá estava em fase de planejamento. Porém, um fato inusitado apressou sua entrada definitiva para a religião. Uma infecção urinária o acometeu de súbito e os médicos não conseguiam identificar a bactéria causadora da enfermidade. Ao entrar para se iniciar, logo após os primeiros ebós, a infecção cedeu e os procedimentos ritualísticos puderam ser feitos normalmente. Osalá lhe trouxe a cura, pois tratava-se de enfermidade de origem espiritual.

Era mês de julho, época mais fria na capital capixaba. Recolher para iniciar-se nessa época do ano era um alívio para quem tinha que cumprir diversos rituais em uma cidade tão quente. Na casa de Babá Marcos, haviam poucos yawos e Egbomes, não mais que 15, ao todo. Todos se envolveram nos trabalhos que se alongaram por 21 dias de atividades.

No dia 26. De julho de 1997, no cair da noite, os atabaques ecoaram no Morro da Piedade, anunciando o início do Candomblé na casa de Babá Marcos T’Omolu. Nascia mais um yawo na linhagem Ketu. Após vários dias recolhido, o Babalorisá Rogério T’Osun tirava seu primeiro filho-de-santo, apresentando Osolufon para a

comunidade candomblecista que encheu o salão de festas do terreiro.



Foto 5: Saída de yawò: Anderson T’Osala nascia para o culto dos Orisás no Ilè Asé Olúwàyé Égbé Wàiyékan (1997).

Após o fechamento do Ilè Asé Olúwàyé Égbé Wàiyékan em 1999, Babá Anderson T’Osala acompanhou seu Babalorisá, que passara a frequentar o Ilè Asé Ajaguna Benykan, casa cujo Babalorisá é Marcelo T’Osoguián (seu Babá Kekerè). A casa se localiza entre as ruas Ana Neri e fundos com a Rua

Chauí, no bairro Eldorado no município de Serra, ES. Esse é o terreiro com raiz no Àse Osumarè mais antigo do Espírito Santo, com mais de 2 décadas de tradição.

Babá Marcelo T’Osoguion é filho de Babá PC T’Osumarè, sacerdote máximo do Àse Osumarè, em Salvador (BA). Foi na casa de Babá Marcelo T’Osoguion que Babá Rogério T’Osun deu continuidade às suas obrigações. Também lá, Babá Rogério T’Osun obrigacionou Babá Anderson T’Osalá, cujo Ajodun Èta ocorreu em 28 de julho de 2001 e seu Ajodun Èje foi comemorado no dia 09 de dezembro de 2006.



Fotos 6 e 7: Osalá vestido respectivamente nas festas do Ajodun Èta (2003) e do Ajodun Èjé (2006) do Egbome Anderson T’Osalá.

Babá Anderson T’Osalá, portanto, pertenceu ao Asé Ajaguna Benykan por 10 anos. Afastou-se quando se concursou para o cargo de professor da Universidade Federal de Uberlândia e teve que mudar-se para a cidade

de Ituiutaba (MG). Durante sua permanência na casa de Babá Marcelo, pode aprender muitas coisas sobre o culto aos Orisás, embora tenha se ausentado de muitas funções devido à sua atribulada carreira acadêmica. Dividia seu tempo entre as muitas aulas que ministrava em uma importante Instituição de Ensino Superior privada, o seu doutoramento (2006-2010), sua família e a Casa dos Orixás.

Sua vinda para Ituiutaba em março de 2010 coincidiu com o afastamento de seu Babalorisá Rogério T'Osun das funções de Candomblé na casa de Babá Marcelo T'Osoguion. Desde então, Babá Rogério voltou a cuidar-se com Babá Marcos T'Omolu, mas de forma mais ocasional. Jamais deixou de amar e zelas por seu Orisá, mas preferiu, por questões pessoais, afastar-se das funções em terreiros.

Quando se estabeleceu em Ituiutaba, Babá Anderson T'Osalá construiu no terreno de sua casa um quarto para abrigar os igbás de seus Orisás e pode então ir busca-los na casa de Babá Marcelo T'Osoguion. Uma vez que seus Orisás já estavam morando consigo em sua casa, Babá Anderson T'Osalá passou a sentir a necessidade de estabelecer uma ligação mais próxima com os cultos de Umbanda e de Orisás. A defesa de sua tese doutoral em abril de 2010 e estabilidade laboral alcançada como funcionário público federal, fez com que o desejo de dedicar mais tempo ao seu Orisá aflorasse.

Foi aí que Babá Anderson resolveu abrir um pequeno espaço para consultas em sua casa, para que seu Preto-Velho, Pai Joaquim de Aruanda, pudesse dar passes e conselhos para os novos amigos feitos na cidade de Ituiutaba. Porém, o próprio guia protetor manifestou-se no início de 2013 e proclamou:

“Meu filho deve inaugurar uma casa para o culto de Osalá nessa nova terra. Lá, quando permitido, eu trabalharei pela caridade”.

Nasceu aí o projeto do terreiro de Osalá. Naquela época, Colignon Junio Freitas aderiu a essa ideia e passou a apoiar a construção da nova casa, assim como outros amigos de Babá Anderson T’Osalá. Colignon já era médium antigo de Umbanda e foi escolhido por Pai Joaquim de Aruanda para ser a segunda chefia das giras de Umbanda. Porém, para que pudesse assumir plenamente o papel de segunda pessoa dentro da nova casa, era necessário que se iniciasse no culto aos Orisás.

Em fevereiro de 2014, depois de decidir sobre alguns rumos que pretendia para sua vida espiritual, Babá Anderson T’Osalá procurou o Babalorisá José Mauro Guiimarães de Jesus (Babá Mauto T’Osun), zelador do Ilê Alaketu Asé Ymaí Osun Ypondá, localizado em São Gonçalo, RJ.

Na festa do Orisá Ogun, Babá Anderson T’Osalá tomou sua obrigação de 14 anos (Ajodun Iká) e Colignon Junio Freitas foi, então, iniciado para o Orisá Osumarè. A iniciação do yawo ocorreu durante essa função, com saída para orunkó ocorrida dia 26 de abril de 2014 à tarde. Naquele mesmo dia, a noite, Babá Anderson T’Osalá foi apresentado à sala no Asé Yamí Osun Ypondá pelo Babá Mauro T’Osun e por Iyá Monica Millet T’Odé (neta carnal de Mãe Menininha do Gantois e Iyalorisá de Babá Mauro) e das mãos de ambos, recebeu seu igbasé.



Foto 8: Ajodun Iká de Babá Anderson T'Osalá. (São Gonçalo, RJ, 2014).

Colignon T'Osumarè foi iniciado por Babá Diogo T'Logon Edé, Babá Egbé do Asé Yami Osun Ypondá e filho de Babá Mauro T'Osun. Tomou sua obrigação de um ano em 27 de junho de 2015, nas festividades comemorativas do Orisá Ayrá, também em São Gonçalo. A iniciação de Colygnon T'Osumarè deu início à sua preparação para que ele pudesse assumir a função de Babá Egbé do Ilè Alaketu Asé Babá Olorigin.

Babá Anderson T'Osalá permaneceu no Asé Yami Ypondá por 2 anos, período em que recebeu de Babá Mauro T'Osun o suporte necessário para a construção do seu terreiro em Ituiutaba, tomou sua obrigação de 14 anos, plantou àse e iniciou seu primeiro barco com um yawo e um Ogã.

Cumprida essa etapa transitória, em dezembro de 2016, Babá Anderson retornou para seu Àse de origem (Àse Osumarè) e passa a se cuidar com o Babalorisá Vitor Rachid Colucci Daher (Babá Vítinho T'Odé) do Àse Tobi Odé Kolè, localizado na Rua Amelia Sarkis, nº. 60, Uberaba, MG.

A CRIAÇÃO DA SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ ALAKETU ASÉ BABÁ OLORIGIN

Bruno de Freitas
José Henrique de Souza Moraes

Logo que Babá Anderson T'Osalá decidiu cumprir com o que fora solicitado pela espiritualidade, o templo de Osalá começou a tomar forma em Ituiutaba.

O primeiro passo foi a criação oficial do terreiro. No dia 17 de novembro de 2013, o Babá Anderson T'Osalá solicitou ao seu amigo e chefe-de-terreiro Colignon Junio Freitas que fizesse distribuir alguns convites entre seus amigos e apoiadores, convidando-os para aquele que seria o primeiro ato formal da constituição da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Asé Babá Olorigin. Nestas cartas lia-se o seguinte texto:

Dando prosseguimento às ações de fundação e registro da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Asé Bábá Òlòrìgbìn (Casa de meu Pai Oxalá), iniciaremos neste mês de novembro as ações para o registro de nosso Regimento junto ao Cartório de Registros de Ituiutaba. Este é o primeiro passo para que possamos estruturar a Sociedade e divulgar suas ações junto à comunidade ituiutabana. Neste sentido, realizaremos uma reunião pública dia 23 de novembro de 2013, 18 horas (primeira chamada) para apresentação do Regimento e discussão do mesmo. A reunião ocorrerá na Casa nº 816 da Rua Gurinhatã, bairro Pirapitinga, Ituiutaba, MG. Gostaríamos de convidá-lo a se juntar a nós nesta reunião para conhecer nossa proposta de trabalho. Este convite

parte não somente do Zelador da Casa, mas também de nosso Mentor Espiritual. Esperamos contar com sua presença. Respeitosamente, Colignon Junio⁷.

A reunião ocorreu às 18 horas do dia 23 de novembro de 2013 (data escolhida pela espiritualidade), quando os amigos apoiadores do terreiro em formação se reuniram na casa de Babá Anderson T’Osalá. Essa primeira assembleia serviu para dar forma à Sociedade, discutir uma proposta de Estatuto e apresentar para a comunidade a ideia de se criar em Ituiutaba, não só um terreiro para o culto aos Orisás, e entidades de Umbanda, mas também um espaço cultural no qual se poderiam realizar projetos sociais de interesse comunitário e social.

A assembleia de fundação da casa, que aprovou a versão vigente de seu Estatuto e empossou sua primeira diretoria contou com a presença de 11 participantes, que aceitaram assumir na constituição da Sociedade Religiosa o status de sócios fundadores. Foram eles: Queila Souza, Mical de Melo Marcelino, Sebastiana Marcília de Lima, Colignon Junio Freitas, Bruno de Freitas, Eduardo Ferreira, Carlos Eduardo Camargo, Marcia Santos Camargo, Amilton Mesquita e Fabiana Alves da Silva. A primeira Diretoria da casa foi composta da seguinte maneira:

- Diretor Presidente: Colignon Junio Freitas;
- Secretário: Anderson Pereira Portuguesez;
- Tesoureira: Fabiana Alves da Silva;
- Diretor de Relações com a Comunidade: Bruno de Freitas;

⁷ Fonte: Acervo documental da Sociedade Cultural Ilê Alaketu Àse Babá Olorigin.

- Dirigente do Departamento de Publicações: Mical de Melo Marcelino.

De posse do estatuto aprovado pela assembleia de fundação, assim como da documentação pessoal dos membros da diretoria, o Babá Colignon T’Osumarè, Diretor Presidente recém-eleito dirigiu-se ao Cartório de Serviço de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoas Jurídicas – Comarca de Ituiutaba, MG para lá registrar a Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Àse Babá Olorigin. Este feito se deu por meio do protocolo 48209, Registro 4617, livro A-5, p. 289 em 23 de janeiro de 2014.

Com o registro em Cartório já tramitado, nesse mesmo dia 23 de janeiro de 2014 pode-se solicitar o registro da instituição junto à Agência da Recita Federal de Ituiutaba, para que essa pudesse gerar o número do CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Àse Babá Olorigin. O terreiro, como organização social, recebeu então o seu nº. de registro: 19.614.993/0001-10.

Em 28 de novembro de 2015, quando a casa comemorava seu segundo aniversário, mais um procedimento documental foi logrado. Trata-se de seu registro junto à Federação Espírita, Umbandista e de Candomblé de Minas Gerais. O diploma de filiação foi expedido pelo Presidente da Federação, o Babalorisá Gilberto Resende Sobrinho (Babá Gilberto T’Barú), que fez a entrega do mesmo durante evento realizado pelos praticantes de religiões afro-brasileiras na Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica.



Foto 9: Certificado de filiação da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Oloriginbin à Federação Espírita, Umbandista e de Candomblé de Minas Gerais (2015).

No ano de 2016, quando a primeira fase da edificação do barracão já estava concluída, os diretores passaram a uma nova etapa do processo de formalização do terreiro. No dia 19 de abril de 2016 o Babá Egbé Colignon T’Osumarè, Diretor Presidente da Sociedade, deu entrada na documentação necessária para a emissão do alvará de funcionamento do terreiro. Um engenheiro foi contratado para as obras de acessibilidade, instalação de equipamentos de segurança e licenciamentos diversos junto à Prefeitura Municipal de Ituiutaba.

Em busca do lugar perfeito

O loteamento Cidade Jardim é um empreendimento imobiliário criado em 2013 na borda sul de Ituiutaba, em área outrora ocupada por uma antiga propriedade rural. O loteamento foi aprovado na Prefeitura de Ituiutaba pela empresa Dalet Empreendimentos Imobiliários Ltda e a comercialização dos lotes foi realizada pelo seu braço comercial, a Real Consultoria Imobiliária, localizada na Rua 20, n.º. 440, Centro de Ituiutaba.

Quando o loteamento foi lançado (ainda no primeiro semestre de 2013), Os sócios fundadores adquiriram os dois primeiros lotes da Rua das Orquídeas, no qual edificaram o complexo templário, que recebeu posteriormente o número 399. O terreno fica na esquina da Rua das Orquídeas com a Rua Dico Marques, entre os bairros Residencial Camilo Chaves e Residencial Cidade Jardim.





Fotos 10 a 15: etapas da edificação do complexo templário do Ilê Alaketu Àsè Babá Olorigin (2014-2016).

No dia 19 de abril de 2016, o Babá Anderson T’Osalá transferiu a titularidade dos terrenos de seu nome para a Pessoa Jurídica Sociedade Cultural Ilê Alaketu Àsè Babá Olorigin. Dessa forma, a instituição pode então gozar do direito de ter a escritura dos terrenos em seu nome social por ocasião da quitação pela mesma, do financiamento dos lotes pela empresa vendedora.

Rituais de sacralização do espaço sagrado

Na tradição do Candomblé, após a construção do complexo templário, deve-se realizar uma série de atos de sacralização, comumente chamados de “plântio do àse”.

O nome da casa já havia sido definido em 2013 pelo Babalorisá Marcos T’Omolu, seu babá nlá. Entre os dias 12 e 14 de dezembro de 2014, o Babá Mauro T’Osun (àse Yami Osun Ypondá) chegou em Ituiutaba para presidir os rituais de sacralização, que após finalizados, permitiram o início dos ritos de cultos aos Orisás e outras divindades africanas, além de entidades espirituais brasileiras.

A fundamentação da casa se deu em etapas, sendo que a maior parte dos ritos ocorreu em dezembro de 2014. Ao longo do ano de 2016 novos fundamentos foram introduzidos, trazendo mais força e proteção para o complexo templário. Os ilè Ojubó (quartos de Orisás) foram aos poucos sendo finalizados. A casa conta com os seguintes ambientes: Ilè t’seu, Ilè t’Odé e Ogun, Ilè t’Sango e Oyá, Ilè t’Egbé Akerejebi, Ilè t’Yemonjá e Ori, Ilè t’Yabás, Ilè t’Osalá e ainda Ilè t’Babá Egungun, Ilè t’Orumilá-Ifá, Atinsá Iroko e um quarto dedicado às entidades de Umbanda.

A casa conta ainda com uma sala dedicada aos seus projetos sociais, que recebeu o nome de Sala Ganga Zumba, em homenagem ao grande líder quilombola do Brasil.

DO LUGAR SAGRADO AO ESPAÇO DA MILITÂNCIA : A RESPONSABILIDADE SOCIAL COMO VALOR DA SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ ALAKETU ÀSE BABÁ OLORIGIN

Anderson Pereira Portuguese

A caridade também pode ser praticada por meio de ações de responsabilidade social⁸, que podem ser entendidas como um conjunto de práticas empreendidas por uma instituição social no sentido de promover o bem-estar coletivo de forma planejada e voluntária. No caso das instituições religiosas, a caridade, a atenção para com os mais necessitados e as campanhas de solidariedade podem ser citadas como os exemplos mais recorrentes.

Por se tratar de ação voluntária, nenhuma etapa do processo pode envolver retornos financeiros ou benefícios fiscais. O retorno de imagem e a sensação de dever cumprido, nesse caso, são os principais ganhos das casas religiosas, que passam a exercer importante papel na comunidade em que se inserem e, por esse motivo, passam a ser reconhecidas e mais respeitadas em escala local.

Os principais fundamentos da práxis sociointerativa de muitas casas de Candomblé fundam-se na atenção à saúde, no cuidado com o meio ambiente, na difusão da educação para a diversidade, em ações para a minimização do preconceito religioso, na resignificação

⁸ Os membros do terreiro atuam politicamente em Ituiutaba, pois entendem que a caridade jamais pode servir de prática substitutiva da ação do Poder Público no atendimento das comunidades carentes.

produtiva da cultura afro-brasileira, na defesa dos direitos humanos, na promoção do desenvolvimento local, na atuação política na defesa da diversidade religiosa, só para citar alguns exemplos.

Entendemos que para estruturar suas atividades junto aos seus entornos comunitários, as casas de Candomblé (ainda que de forma bastante artesanal) embasam suas ações em valores que julgam importantes para dar sentido às casas e identidade aos seus fazeres coletivos.

Vygotsky, importante autor russo, escreveu sobre a dimensão social de desenvolvimento dos indivíduos e acreditava que o ser humano se constituía como tal, em sua relação com a sociedade. A abordagem vygotskyana é comumente conhecida como ‘sociohistórica’ ou ‘sociointerativista’ e parte de sua obra se dedica às mediações culturais nas relações dos homens com o mundo (PORTUGUEZ, 2010).

Nesta perspectiva, a cultura não pode ser vista como um sistema estático, mas sim como um palco de negociações no qual seus membros estão constantemente se reinventando, reinterpretando e resignificando suas experiências. Vygotski acreditava que a relação de um indivíduo com os demais seres humanos é sempre enriquecedora, pois as boas práticas oriundas das experiências individuais podem ser potencializadas, convertendo-se em boas práticas coletivas.

O meio ambiente (entorno físico e cultural) influi fortemente na percepção da qualidade de vida. Para propor melhorias, é necessário entender como esse entorno se organiza e se dinamiza. As propostas de intervenção que não se vinculam ao mundo vivido podem ser rechaçadas pela coletividade se não estiverem

afinadas com os anseios e as perspectivas da comunidade (PORTUGUEZ, 2010).

Segundo os estudiosos do humanismo pós-moderno (ou pós-estruturalista), o desenvolvimento de uma comunidade deve ser pensado de dentro para fora. Visto dessa forma, fica mais fácil diagnosticar as necessidades locais e empreender ações que buscam o bem-estar coletivo, por meio de pontos focais de ação: saúde, educação, valorização da diversidade, meio ambiente e outros (BAUMAN, 2003).

O humanismo coloca em foco o ser humano como indivíduo e como ser social. Pensar o desenvolvimento local nessa perspectiva implica na busca da felicidade individual e coletiva. Para tanto, o respeito às diferenças é de fundamental importância para que a agenda dos sujeitos sociais convirjam para os mesmos pontos (SOUZA, 2008).

Quando pensamos a educação, a saúde, o bem-viver coletivo, estamos pondo foco e luz em questões que atingem os indivíduos e as coletividades de forma direta. Por isso entendemos que o fazer social das casas de Candomblé são importantes. Quando um terreiro (gosto dessa palavra, ainda que muitos a rejeitem) executa alguma ação social, ele não só ajuda o próximo, como ajuda a si mesmo no sentido de dar visibilidade positiva para a religião. Soma-se a isso, o fato de as ações sociais proporcionarem momentos de socialização, de se vivenciar a diferença e de experimentação de valores morais e éticos importantes para a religiosidade humana.

Fazer caridade, preocupar-se com o outro, ensinar a aprender, ensinar a cuidar e a conviver com a diferença é uma oportunidade rica e enobrecedora. Fazer pelo outro vale a pena.

A sociedade não reconhece no Candomblé o importante papel social que ele tem enquanto prática cultural e religiosa, e, muitas vezes, os próprios candomblecistas não compreendem tais dimensões. Ocultam-se por receio, por medo de perseguição, por falta de apoio e de estrutura, por vergonha, etc. Por isso advogamos que vale a pena espalhar axé para além dos muros dos templos, como forma de dar mais visibilidade positiva para essa religião tão importante e tão pouco compreendida.

O Projeto “Plantando Axé”

O projeto “Plantando Axé” foi criado em 2014, logo após o registro documental e institucional da Sociedade Cultural Ilè Alaketu Àse Babá Olorigbin. No Capítulo I, Art. 1º, Inciso IV do Estatuto da sociedade, consta que um dos objetivos da Instituição religiosa é o “incentivo à produção intelectual, artística, literária e científica de base social, como formas de promover o desenvolvimento integral da coletividade ituiutabana” (SOCIEDADE CRIAAB OLORIGBIN, 2013, p. 1).

Também nesse mesmo documento, os sócios fundadores declaram as estratégias que adotariam para que as ações pretendidas pelo terreiro pudessem ser efetivadas. No corpo do Estatuto, lê-se:

Art. 2º - Para que os fins propostos possam ser alcançados, poderá a Sociedade Cultural e Religiosa *Ilé Alaketu Àse Bábá Òlòrìgbìn*, inclusive dentro da filosofia pela qual se propõe atuar, desenvolver atividades e eventos culturais, educacionais e assistenciais, criando e instalando

estruturas próprias regidas por legislação pertinente a cada uma das atividades.

V - a Sociedade Cultural e Religiosa *Ilé Alaketu Àse Bàbá Òlòrìgbìn* participará de atividades educacionais, sociais e de pesquisa científica em parceria com instituições públicas e privadas que se dedicam a estas atividades, sempre em favor da socialização do bem-estar e da promoção da paz social e do desenvolvimento humano. Para isto, a participação deverá ser previamente autorizada por sua Diretoria Administrativa e pelo seu Zelador(a) Espiritual, doravante chamado(a) de Bàbàlòrìsá (quando do sexo masculino), ou Yàlòrìsá (quando do sexo feminino).

VI - a Sociedade Cultural e Religiosa *Ilé Alaketu Àse Bàbá Òlòrìgbìn* poderá organizar eventos e atividades educativas de caráter social, religiosos e culturais com vistas à promoção do bem estar social e valorização da cultura e da religiosidade afrodescendente. (SCRIAAB OLORIGBIN, 2013, p. 1).

O Projeto “Plantando Axé”, nesse sentido, veio ao encontro dos propósitos da Instituição e trouxe operacionalidade aos seus propósitos e missão. O termo “Plantando Axé” possui duplo significado, sendo um religioso e outro poético. Do ponto de vista religioso, planta-se o axé de um terreiro quando o terreno e a construção do complexo templário são consagrados, ou seja, quando se tornam lugar dotado de sacralidade para os praticantes do Candomblé. Diversos rituais são realizados e a partir daquele momento, o terreiro passa a ser morada dos Orixás e da espiritualidade. Do ponto de vista poético, plantar axé significa cultivar a árvore da ancestralidade, do conhecimento e da cultura.

Ilè Alaketu Àse Babá Olorigbin



Figura 4: Banner do “Projeto Plantando Axé”.

Do ponto de vista social, o projeto se justifica pela necessidade de o terreiro realizar ações de interação com a sociedade por meio da promoção da saúde coletiva, da proteção do meio ambiente, da defesa dos direitos humanos, do combate à intolerância religiosa, defesa do discurso da diversidade e igualdade de gêneros e combate ao racismo. Para tanto, a Sociedade Cultural *Ilê Alaketu Àse Babá Olorigin* uniu forças com o Instituto Ganga Zumba – Seção Minas Gerais, Universidade Federal de Uberlândia e movimentos comunitários de seu entorno. Até o presente momento, as principais metas e resultados foram os seguintes:

- *promover palestras sobre saúde coletiva no terreiro, tendo a comunidade do seu entorno como público alvo.*

O terreiro priorizou duas atividades relacionadas à saúde coletiva. A primeira diz respeito à realização de palestras sobre a saúde da mulher, sempre nos meses de outubro, como forma de reforçar as campanhas do chamado “Outubro Rosa”. Também realiza palestras para tratar de temas de saúde mental, sobretudo como forma de prevenir a depressão profunda e o suicídio (figuras 16 e 17).

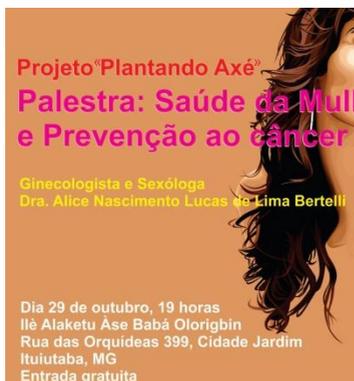


Figura 5: palestra com ginecologista para prevenção do câncer de mama



Figura 6: Palestra com pesquisadora de temas relacionados ao suicídio e saúde mental.

- *incentivar a proteção ambiental da bacia hidrográfica do Córrego dos Barus (Ituiutaba, MG)*

Trata-se de uma área de mata ciliar do bioma Cerrado considerada importante para a proteção da fauna e flora regional, sendo ainda espaço relevante para algumas práticas sagradas das religiões de matriz afro-brasileira. A área está localizada logo atrás do terreiro e possui algumas nascentes, mata nativa, área propícia para educação ambiental, córrego de águas limpas e fauna nativa. Infelizmente toda a bacia hidrográfica se encontra em estado de abandono e degradação, com descarte inadequado de resíduos, queimadas constantes e pressão da expansão urbana Figura 18.



Figura 7: Bacia hidrográfica do córrego dos Barus.
Fonte: Imagens Google Earth. Organização do autor.

O terreiro tem militado em favor da transformação dessa área em um Parque Municipal, com toda estrutura necessária à sua utilização de forma sustentável, mas também como área de lazer e educação ambiental.

- *apoiar as iniciativas de educação na promoção do ensino da cultura negra, diversidade religiosa e Lei 10.639.*

O terreiro tem implantado uma série de ações educativas que visam potencializar a aplicação da Lei 10.639. Recebe alunos e professores para palestras, visitas guiadas ao complexo templário e ainda tem

realizado projetos em parceria com escolas e universidades de Ituiutaba. Uma especial atenção foi dada em 2016 às escolas do meio rural, pois essas geralmente contam com recursos mais escassos e, nesse sentido, o terreiro intensificou as campanhas de arrecadação de livros para montagem ou melhoria das bibliotecas escolares.

As fotos 16 a 19 mostram algumas das ações do terreiro no campo da educação popular.



Foto 16: Leitura de obra infantil sobre bullying com alunos umbandistas na Escola CAIC, em Ituiutaba. Os alunos do 6º ano ilustraram a obra numa parceria do terreiro com a Escola e a UFU.



Foto 17: Visita de universitários ao terreiro para atividades de estudo e palestra sobre as atividades da Instituição.



Foto 18: “Projeto Geladeira Literária”, realizado pelo terreiro, em parceria com os alunos do PET-Geografia da UFU. Uma geladeira foi transformada em biblioteca e doada para uma escola rural de Ituiutaba.



Foto 19: Oficina de culinária afro-brasileira oferecida como parte da programação do Congresso Etnico-Racial da FACIP/UFU em novembro de 2016.

- *apoiar as ações de combate ao racismo e à intolerância religiosa em Ituiutaba e região.*

Para o cumprimento dessa ação, o terreiro tem participado de fóruns e eventos de distintas naturezas, além de abrigar a sede do Instituto Ganga Zumba em Minas Gerais. Esse instituto tem por objetivo: militar pelos direitos humanos, em especial pela defesa da população negra, sua cultura e sua identidade religiosa. Tal militância vai ao encontro das posturas políticas dos líderes do templo e alinha-se com as lutas históricas dos povos tradicionais de matriz africana.



Foto 20: III Encontro Regional de Pretos Velhos: religiosidade e militância pela diversidade religiosa. Foto do autor.



Foto 21: O terreiro homenageado pela Câmara Municipal de Uberlândia, em reconhecimento aos seus feitos sociais em Ituiutaba e região. Foto de Colignon J. Freitas

O Instituto Ganga Zumba é uma organização não-governamental dedicada ao combate ao racismo e defesa dos direitos dos negros, atuando em várias frentes em todo o território nacional. No Estado de Minas Gerais, o Instituto Ganga Zumba funciona na sala de projetos sociais da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigin (Sala Ganga Zumba) e tem o Babá Anderson T'Osalá como seu presidente desde 2013.



Figura 8: Logomarca do Instituto Ganga Zumba

As atividades do Instituto Ganga Zumba referem-se, sobretudo, à ações de sensibilização comunitária visando a erradicação do racismo e promoção da educação para as relações étnico-raciais em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal.

Os projetos já desenvolvidos pelo terreiro estudado atingiram, em média, público direto de 500 pessoas. Como a *E-Books* Barlavento possui abrangência nacional, acredita-se que o público indireto dos projetos sociais do terreiro estudado esteja em torno de 10 vezes o volume do público direto. Dessa maneira, as ações de responsabilidade social estão estimadas em um impacto social de 5.500 beneficiados até o presente momento, sobretudo na cidade de Ituiutaba. Se somarmos a esse contingente as ações de amparo religioso, que em si, também são ações de interesse social, podemos inferir que o público beneficiado seja muito mais amplo e diversificado.

- *Publicação de obras por meio de uma editora popular de e-books.*

A criação de um braço editorial foi, desde o princípio, um propósito da Sociedade Cultural *Ilè Alaketu Àse Babá Olorigbin*. No Capítulo I, Art. 2º de seu Estatuto, lê-se:

I – a Sociedade Cultural e Religiosa *Ilé Alaketu Àse Bàbá Òlòrigbin* registrar-se-á na Fundação Biblioteca Nacional, com sede na cidade do Rio de Janeiro, para que possa chancelar na condição de “editora”, publicações de obras de caráter literário, religioso, científico e cultural como forma de promover o desenvolvimento humano.

II – todas as obras editadas pela Sociedade Cultural e Religiosa *Ilé Alaketu Àse Bàbá Òlòrìgbìn* serão de livre acesso e sem fins lucrativos. Desta forma, todas serão disponibilizadas gratuitamente no formato eletrônico (*e-book*). Caso hajam edições impressas, estas também não possuirão caráter lucrativo.

III - a Sociedade Cultural e Religiosa *Ilé Alaketu Àse Bàbá Òlòrìgbìn* utilizará, para este fim, o nome fantasia “Editora Barlavento”, com registros apropriados na Fundação Biblioteca Nacional e demais órgãos de registros de edição.- todos os direitos autorais ficam preservados ao(s) autor(es) na forma da legislação vigente, ficando os mesmos compromissados ainda em cumprir com as normas próprias de edição (SCRIAAB OLORIGBIN, 2013, p. 2).

O braço editorial do terreiro foi então criado, juntamente com as seguintes linhas editoriais: Religião, Turismo, Educação e Literatura, Geografia e Meio Ambiente, Direito, Saúde e Bem-Estar. O Conselho editorial foi constituído e as publicações se iniciaram⁹. Desde 2014, a E-Books Barlavento publicou 42 obras¹⁰, recebidas de escritores de Ituiutaba (MG), Uberlândia (MG), João Pessoa (PB), Manaus (AM), São Paulo (SP), Aracaju (SE), Barretos (SP), Catalão (GO), São José do Calçado (ES), Jijoca de Jericoacoara (CE), um livro em parceria entre pesquisadores do Brasil e de Cuba, entre outros.

Esse é, sem dúvidas, o projeto social de maior impacto em escala, pois todas as obras são disponibilizadas gratuitamente pela internet. Além disso,

⁹ Disponível em <http://ebooksbarlavento.blogspot.com.br/>. Acessado em 19 de outubro de 2016.

¹⁰ Disponível em: <http://www.isbn.bn.br/website/sistema/editor/home>. Acessado em 19 de outubro de 2016.

os custos de produção, que são arcados pelos autores são mínimos, pois a *E-Books Barlavento* tem por missão dar oportunidade de publicação para autores de baixa renda. A figura 13 mostra a logomarca da *E-Books Barlavento*, cujo nome se inspirou na natureza. Barlavento é a face mais fértil de uma serra, justamente aquela que recebe diretamente os ventos mais úmidos. É, portanto, área de diversidade de vida, de água mais abundante e de paisagens mais exuberantes.



Figura 9: Logomarca da E-Books Barlavento.

Fonte: Disponível em

<http://ebooksbarlavento.blogspot.com.br/>.

Acessado em 19 de outubro de 2016.

SOBRE OS AUTORES

Anderson Pereira Portuguez

Doutor em Geografia Humana pela Universidad Complutense de Madrid. Professor do Curso de Geografia da FACIP/Universidade Federal de Uberlândia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal – FACIP/UFU.
anderson.portuguez@ufu.br

Bruno de Freitas

Geógrafo, Mestre e Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia.
freitasbrunode@gmail.com

Colignon Junio Freitas

Diretor-Presidente da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigin.
colignonjunior@hotmail.com

Douglas Ronaldo Silva

Acadêmico do curso de Geografia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – Universidade Federal de Uberlândia.
douglaz_ronaldo@hotmail.com

José Henrique de Oliveira Moraes

Bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade Triângulo Mineiro/Ituiutaba. Pós-graduando (*Lato Sensu*) em Educação, Inclusão e Diversidade pela Facip/Universidade Federal de Uberlândia.
henriquemoraes96@hotmail.com

Leandro Pedro

Acadêmico do curso de Geografia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – Universidade Federal de Uberlândia.
le.leandropedro@gmail.com

Natália Caroline Silva Nery

Acadêmico do curso de Geografia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – Universidade Federal de Uberlândia.
natalianery02@gmail.com

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. *Ilé Ègbé Efúnlàṣé Ògbóni Ifá Ati Obàtálá: Isefá e Sociedade Ogboni*. Disponível em: <http://www.efunlase.com/include.php?conteudo=home>. Acessado em 03/04/2016.

BAUMAN, Z. Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARNEIRO, J. L. *Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica*. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREITAS, B. *Ribeirão São Vicente: panorama socioprodutivo e potencialidades para o turismo ecorrural em Ituiutaba*. Ituiutaba: Barlavento, 2015.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Agência Brasileira de ISBN*. Disponível em: <http://www.isbn.bn.br/website/>. Acessado em 19 de novembro de 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 2010 (e atualizações para 2014)*. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acessado em 18 de out. 2016 e outros acessos.

INSTITUTO GANGA ZUMBA. *Quem somos?* Disponível em <https://gangazumba.org/sobre-2/>. Acessado em 19 de outubro de 2016.

MOURA, G. G.; DAMACENO, I. A. Ituiutaba (MG): reflexos das condições sociais e da habitação na (re)estruturação urbana da cidade. In: PORTUGUEZ, A. P., MOURA, G. G. COSTA, R. A. *Geografia do Brasil Central: Enfoques teóricos e peculiaridades regionais*. Uberlândia: Assis, 2011, p. 379-408.

PEREIRA, M. I. C. *Linguagem do cotidiano em tendas, comunidades, fraternidades centros e barracões de Candomblé, Umbanda e outros Cultos de raiz afro-brasileira*. Ituiutaba: Barlavento, 2014. Disponível https://asebabaolorigbin.files.wordpress.com/2014/11/livro_maria_izabel1.pdf. Acessado em 18 fev. 2015.

_____, *Pedro: o menino umbandista*. Ituiutaba: Barlavento, 2016.

PORTUGUEZ, A. P. *Geografía Humana del bajo río Doce*. Uberlândia: Assis, 2010.

_____, *Espaço e Cultura na religiosidade afro-brasileira*. Ituiutaba: Barlavento, 2015.

_____, Projeto “Plantando Axé”: uma experiência de responsabilidade social de um terreiro de Candomblé em Ituiutaba, MG. In: I CONGRESSO ETNICO-RACIAL. V. 1, 2016. *Anais do I Congresso Etnico-racial*. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2016, p. 1-19.

PRANDI, R. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*. São Paulo: vol. 16 n°. 47, p. 43-58. 2001.

PRISCO, C. *As religiões de matriz africana e a escola*. Praia Grande: Ilê Asé e Instituto Oromilade, 2012.

SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÊ ALAKETU ÀSE BABÁ OLORIGIN. *Estatuto da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigin*. Ituiutaba: Documento de arquivo contábil, 2013.

_____, *E-Books Barlavento*. Disponível em: <http://ebooksbarlavento.blogspot.com.br/>. Acessado em 19 de novembro de 2016.

_____, *Regimento da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigin*. Ituiutaba: Documento de arquivo contábil, 2015.

SOUXA, M. J. L. de. *Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VERGER, P. *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. 2 ed. São Paulo: Corrupio/Círculo do Livro, 1985.

_____, *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil e na antiga costa dos escravos, na África*. São Paulo: Edusp, 2012.

APÊNDICE

REGIMENTO INTERNO

da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alákétu Àsé Bàbá Òlòrigbìn

I Da elaboração dessa seção regimental.

A presente seção regimental de número 001/2015 integra o corpo do Regimento Interno da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Àse Babá Olorigbin. A seção regimental 01/2015 foi elaborada pelo Conselho Religioso da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Àse Babá Olorigbin, tendo sido pré-aprovada em reunião de trabalho sacerdotal ocorrida em 01 de maio de 2015. A seção regimental 01/2015 objetiva unicamente regulamentar o comportamento religioso no âmbito das ações internas e externas da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Àse Babá Olorigbin, deverá ser amplamente divulgada entre os sócios fundadores, contribuintes e voluntários da mesma e deverá entrar em pauta para conhecimento público e inserção no Regimento Interno na Assembleia que antecederá a inauguração do espaço físico da Instituição.

II Da previsão normativa do regimento interno.

- 1 O conjunto de normas de cunho religioso do Regimento Interno da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Alaketu Àse Babá Olorigbin foi elaborado pelo seu Conselho Religioso e sua implantação segue o disposto no Art. 9º, § 1º e § 4º e Art. 21 do seu Estatuto.

III Do conteúdo e abrangência dessa seção regimental

- 2 A seção regimental traz em seu conjunto, as normas de caráter religioso que deverão ser seguidas pelo corpo de fiéis que frequentam a casa. Dividem-se nos seguintes grupos:
 - Abiãs: Fiéis não iniciados que compõem o corpo de associados da casa que se encontram em fase de adaptação para uma futura iniciação no culto aos Orisás.
 - Yawos: Fiéis iniciados no culto aos Orisás com menos de sete anos de idade de iniciação e fiéis com mais de sete anos de iniciados, que não tenham efetivamente cumprido com o ritual comemorativo do sétimo ano, denominado Ajodun Ijè.
 - Egbomes: Fiéis iniciados há mais de sete anos, que cumpriram com o ritual comemorativo do sétimo ano denominado Ajodun Ijè.
 - Ogãs/Ekejis: Respectivamente, homens e mulheres que não manifestam Orisás, mas que passaram pelos ritos de iniciação no culto aos Orisás e que na casa, ocupam cargos e funções no Conselho Religioso.

- Convidados: Qualquer pessoa que visite o terreiro para nele praticar ou participar de rituais de caráter religioso e social.
- 3 Para fins de aplicação dessa seção do Regimento, as condições de enquadramento geral ou específico de cada fiel devem ser cuidadosamente observadas e as recomendações deverão ser rigorosamente seguidas. Isso trará mansidão aos trabalhos da casa e possibilitará o adequado desempenho das funções de cada membro da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Alaketu Àse Babá Olorigin. Sempre que houver dúvidas sobre os procedimentos mais adequados, o(a) Babalorisá/Yalorisá deverá ser consultado(a) e caberá ao(à) mesmo(a) trazer explicações claras sobre o que deve e o que não deve ser feito por cada associado(a), ou visitante.

IV Normas de comportamento e postura

Chegada ao terreiro

- 4 No portão há uma talha de barro com água e uma quartinha de barro. Todos que adentrarem o espaço sagrado devem despachar a porta com essa água, pedindo permissão para adentrar o complexo templário.
- 5 Dirigir-se ao banheiro para tomar seu banho de asseio, banho de folhas e colocar roupa de razão limpas.
- 6 O banho de folhas ficará sempre na porta do banheiro, em uma talha de barro e deverá ser tomado por todos(as).
- 7 O uso da conta de Osalá (branca), Oxossi (azul turquesa), Osumarè (rajada de verde e preto, ou

- amarelo e preto) e de seu orixá é obrigatório para todos.
- 8 Os(as) Yawos deverão ainda usar seus mocãs em funções de Candomblé;
 - 9 Yawos com menos de um ano de iniciados(as) devem usar seus contra-eguns em funções de candomblé.
 - 10 Cumprimentar todos os presentes. Em nossa religião se pede a benção dos mais velhos e dos mais novos da seguinte forma:
 - a) Adoba-se para o(a) Babalorisá/Yalorisá, pedindo-lhe a benção (motumbá);
 - b) Abaixa-se para os irmãos mais velhos, Ogãs e Ekejis e pede-se motumbá;
 - c) Quando um(a) irmão(ã) de mesma hierarquia ou de menos idade de iniciação pedir sua benção, responde-se “motumbaxé e motumbá”. Sempre abaixados, nunca se pede motumbá de pé.
 - 11 Abiãs jamais entram em quartos de orixás. yawos só entram em quartos de Orisás após tomar banho de folhas. Ninguém deve entrar em quartos de Orisás quando vierem da rua e ainda estiverem com o corpo quente.
 - 12 Após a troca de benção, dirija-se a todos os quartos de orixás e cumprimente-os batendo paó e adobando em sua porta sobre uma esteira. Não é necessário abrir o quarto. Basta adobar em sua porta.
 - 13 No barracão, saúda-se os pontos de força pondo a cabeça no chão diante de Odé e a porta, depois o axé da casa (neste caso adobar), diante dos atabaques e por fim diante do trono de Oxalá.

Roupas e indumentárias

- 14 Toda mulher deve usar saia de ração, pano da costa, pano de cabeça e camisu. Deve ainda colocar uma bermudinha ou até mesmo um calçolão por baixo da saia. No caso das Ekejis, uma bata longa poderá substituir a saia, sempre com um calçolão ou bermuda por baixo, pano da costa e pano de cabeça. Caso sejam yawos, os tecidos devem ser brancos, lisos e sem enfeites.
- 15 Todo homem deve usar batinha ou camiseta não muito cavada e calçolões. Caso sejam yawos, os tecidos devem ser brancos, lisos e sem enfeites.
- 16 Todos (homens e mulheres) devem usar roupas íntimas brancas ou cor da pele. Será considerado ato ofensivo a inobservância desta norma. Cada um é responsável por zelar pelas roupas dos Orixás da casa, roupas de cama, mesa, tecidos ritualísticos, cortinas e indumentárias de Orixás.
- 17 Caso queiram fazer roupas para seus Orixás, essas devem ser levadas e trazidas em dias de função. Roupas de particulares não serão lavadas ou guardadas na casa, a não ser que sejam doadas para a mesma. Esse procedimento evita uso indevido dos pertences de cada um e reduz custos para a casa.
- 18 Todas as roupas particulares (o que inclui toalhas de banho, tecidos rituais, vestuário pessoal, roupas de orixás etc.) devem ser identificadas com o nome de seu proprietário escrita de forma discreta, para auxiliar na identificação das mesmas. Todas as roupas da casa serão identificadas pelas palavras “da casa”.
- 19 Não é permitido adentrar nem permanecer no terreiro com roupas curtas ou decotadas demais,

- sejam visitantes ou filhos da casa. Recomendamos moderação e bom senso.
- 20 Sob nenhuma hipótese os homens poderão participar de funções sem camisetas, de bermudas, shortes ou calças jeans.
 - 21 Ao adentrar o terreiro, as mulheres devem vestir uma saia antes de passar pela porta.
 - 22 Em dias de festa de Oxalá, as roupas de função e da festa deverão ser absolutamente brancas, sendo vedadas inclusive as que possuírem estamparias em cores. Este é um culto em que o branco absoluto será exigido.
 - 23 Somente Egbomes, Ekejis e Ogãs poderão permanecer calçados em funções de candomblé e de Umbanda. Porém, mesmo nesses casos, recomenda-se que use apenas chinelos simples. Em situações justificadas, abiãs e yawos poderão usar chinelos simples.
 - 24 Nas rodas de candomblé, todos(as) os(as) yawos estarão descalços. As Ekejis e Egbomes poderão usar sandálias ou tamancos de salto baixo na cor branca. Recomenda-se prudência quanto à segurança proporcionada pelo calçado de salto nas rodas, pois a mulher estará dançando todo o tempo e não deve usar algo que gere risco de lesões.
 - 25 Ninguém pode adentrar um quarto de Orixá calçado, isso será considerado ato grave de desrespeito.
 - 26 Ninguém pode subir em uma esteira calçado, isso será considerado ato grave de desrespeito.
 - 27 Objetos sagrados como armas de Orisás, jamais devem ser utilizados de forma leviana. Fazem parte da indumentária ritualística e devem ser adequadamente guardados e limpos.

Alimentos e bebidas

- 28 Em um terreiro sagrado, na mesma cozinha onde se prepara a comida para os Orixás, se prepara a comida para as pessoas. Portanto, a postura respeitosa na cozinha deve ser sempre a mesma. Oxun e um determinado Esú moram na cozinha. É espaço sagrado onde, para entrar, todos devem se curvar e pedir agô ao iniciado mais velho que lá estiver. Só adentre após ele dizer “agoyá”.
- 29 Cozinha é local de trabalho dos filhos e filhas de Iyabás (orixás femininos). Cabem a estes prepararem ebós, Boris, comidas de Orixás, axés e a alimentação da coletividade.
- 30 Para os filhos e filhas de Orixás Ogborós (masculinos) cumpre o trabalho no restante do terreiro: manutenção, limpeza, ornamentação e montagem do barracão, serviços de rua e outros.
- 31 Toda e qualquer alimentação deve ser feita de forma coletiva. É considerada uma ofensa a Odé quando uma pessoa não come com seu Babalorisá/Yalorisá e irmãos na casa de Orixá. É necessário parar o que se está fazendo, sentar e comer. Jamais se come de pé. Sempre em esteiras (obrigacionandos) ou em cadeiras (demais filhos da casa). Se não houver cadeiras para todos, os mais novos em idade de iniciação deverão ceder lugar aos mais velhos e fazer as refeições em esteiras. Nunca se deve comer sentado no chão.
- 32 Egbamirè: esse é o nome que se atribui ao dejejum e ao lanche da tarde. Após a mesa montada, os iniciados mais velhos se servem, seguindo a ordem de idade de iniciação até os mais novos.
- 33 Após montado o prato, todos(as) devem se ajoelhar diante de seu Babalorisá/Yalorisá e dizer

- “Egbamirè Babá/Yá”. A resposta para esta frase é “Egbamiredi”.
- 34 Do mesmo local onde se está, oferece-se este alimento a todos os(as) seus(as) irmãos(ãs), mais velhos(as) e mais novos(as), dizendo: “egbamirè”, ao que todos(as) respondem “egbamitedi”.
- 35 Após terminada a refeição, deve-se ajoelhar diante do Babalorisá e pedir-lhe motumbá. Do mesmo local onde se está, ainda de joelhos, pede-se motumbá aos(às) mais velhos(as) e em seguida aos(às) mais novos(as). A resposta é “motumbasé”.
- 36 Almoço e jantar: Após a mesa montada, os iniciados mais velhos se servem, seguindo a ordem de idade de iniciação até os mais novos.
- 37 Independente da idade de iniciado, filhos(as) de Iyabás jamais se sentam na cabeceira da mesa, a não ser em suas próprias casas. A cabeceira deve ser ocupada pelo filho(a) de Orisá Ogboró de maior posição hierárquica.
- 38 Após montado o prato, todos devem se ajoelhar diante de seu Babalorisá/Yalorisá e dizer “ajeum Babá/Yá”. A resposta para esta frase é “ajeuman”.
- 39 Do mesmo local onde se está, oferece-se este alimento a todos os seus irmãos e irmãs, mais velhos e mais novos dizendo “ajeum irmãos”, ao que todos respondem “ajeumam”.
- 40 Após terminada a refeição, deve-se ajoelhar diante de Babalorisá/Yalorisá e pedir-lhe motumbá. Do mesmo local onde se está, ainda de joelhos, pede-se motumbá aos mais velhos e em seguida aos mais novos. A resposta é “motumbasé”.
- 41 Nunca se deve sirva mais do que se suporta comer, pois jogar comida fora é grande contra-axé.

- 42 Quem estiver de preceito (e somente nesse caso) deve usar canecas e pratos de ágata para se alimentar. Estando de preceito, consulte o(a) Babalorisá/Yalorisá se você pode ou não comer com talheres quando estiver nessa condição.
- 43 Sob nenhuma hipótese, nem mesmo para comemorações, será permitida ingestão de bebidas alcoólicas em refeições durante funções no barracão.
- 44 Não beber 24 horas antes das giras de Umbanda e durante todo o período das funções de candomblé.
- 45 Quando houver giras de Umbanda, as entidades poderão consumir até uma dose de bebidas cada. Nunca mais que isso. Caberá às Ekejis o controle da distribuição das bebidas.
- 46 Alimentos proibidos para todos no terreiro: cajá, carambola, mexerica, tangerina, abóboras, carangueijo, siris e os ewós específicos de cada filho iniciado.
- 47 Durante iniciação ou obrigação que tenha Osalá no barco, fica proibido o consumo de café e de feijão preto. O mesmo se aplica às festas de Osalá.
- 48 Tendo função nas sextas feiras, sempre haverá canjica doce de milho branco e esse prato deve ser consumida por todos. É a comida mais sagrada de Osolufon, Orisá dono da casa. Deverá ser feita com amor e muito carinho pelas filhas e filhos de Iyabás, sempre reservando o primeiro prato para esse Orisá.

Visitantes

- 49 As crianças, quando levadas para o terreiro para acompanhar seus pais, deverão ficar sob a responsabilidade e cuidado dos mesmos.

- 50 Visitantes devem ser informados sobre quais rituais podem ou não assistir
- 51 O local para acomodar os visitantes será sempre e preferencialmente o barracão.
- 52 Visitantes devem ser informados que não é permitido, sob nenhuma hipótese, fumar nas dependências do terreiro.
- 53 Visitantes devem manter seus celulares desligados ou em modo silencioso.
- 54 Os visitantes devem usar branco em dias de festa de Oxalá.
- 55 Nenhum visitante poderá tocar em ervas ou árvores sem autorização.

Sobre o poço, árvores e ervas sagradas

- 56 É absolutamente proibido aproximar-se do poço sem autorização. É um local perigoso e sagrado, pois há um Orisá que nele habita.
- 57 É proibido tocar na jaqueira de modo leviano, bem como comer seus frutos, pois trata-se de árvore sagrada dedicada a Apaoká e a cultos relacionados a Osossi.
- 58 É proibido tocar na cajazeira de modo leviano, bem como comer seus frutos, pois trata-se de árvore sagrada dedicada a Yami Osorongá.
- 59 É proibido tocar na amoreira de modo leviano, ou em seus frutos, pois essa é uma árvore consagrada a Babá Egungun.
- 60 É proibido tocar no pé de Iroko de modo leviano, pois trata-se de árvore sagrada dedicada ao Orisá de mesmo nome.
- 61 As ervas cultivadas na casa não só podem, como devem ser utilizadas nos rituais, desde que com a devida orientação.

Comportamento sexual

- 62 Guardar resguardo sexual 24 horas antes das giras de Umbanda.
- 63 Guardar resguardo sexual durante todo o período das funções que estiver participando.
- 64 O resguardo sexual inclui: masturbação, ato sexual concreto, acesso a sites eróticos, revistas, filmes e demais materiais impressos ou audiovisuais de igual teor.
- 65 Qualquer ato sexual, erótico ou íntimo é absolutamente proibido no complexo templário. Qualquer atitude nesse sentido poderá implicar no desligamento da pessoa do quadro de filhos da casa.
- 66 Assédio sexual, seja de quem for, será considerado falta grave. Na casa, da porta para dentro, todos devem se tratar coimo irmãos, sendo ou não namorados, companheiros, casados etc. Qualquer atitude nesse sentido poderá implicar no desligamento da pessoa do quadro de filhos da casa.
- 67 Em nosso axé, quando um casal chegue formado no terreiro, esse pode ter o mesmo Babalorisá/Yalorisá. Porém, da porta para dentro, devem se tratar como irmãos de santo, com o devido respeito hierárquico.
- 68 Caso ocorra de duas pessoas resolverem formar casal dentro da família de Àse, o Babalorisá/Yalorisá deve ser comunicado e um dos filhos deve passar a se cuidar com outro zelador dentro do Àse.
- 69 A prática sexual é absolutamente proibida entre irmãos de santo. O terreiro é local de respeito e a busca de aventuras românticas/eróticas será tratada

com severidade pela espiritualidade, pois constitui-se em contra-asé, com graves consequências para a casa e para os incautos.

Higiene pessoal

- 70 Todo homem e mulheres devem ter muita atenção aos aspectos relacionados à sua higiene pessoal: banho, higiene dental, eliminação de maus odores e arrumação da roupa.
- 71 Todos e todas devem sempre usar roupas limpas.
- 72 É permitido o uso de perfumes no terreiro, tanto em giras de Umbanda, quanto em funções de candomblé. Sugere-se água de rosas ou alfazema, pois são perfumes espirituais. Mas outros mais suaves também podem e devem ser usados.
- 73 Perfumes podem e devem ser aspergidos também sobre igbás e imagens de entidades;
- 74 Os homens devem se barbear, para que apresentem aparência “limpa” diante da espiritualidade. Caso queiram usar barbas e bigodes, deve-se mantê-los sempre limpos, aparados, com aspecto de bem tratado.
- 75 Os homens poderão usar cabelos compridos, desde que rigorosamente higienizados e tratados.
- 76 Para todos, é obrigatório lavar a cabeça antes e depois das giras de Umbanda. Isso ajuda a manter o médium mais equilibrado e facilita a remoção de energias acumuladas durante o trabalho mediúnico. Recomenda-se uso de sabão da costa, ou sabão de coco antes de passar o shampoo.
- 77 As mulheres devem evitar esmaltes escuros ou vermelhos, assim como maquiagens muito pesadas em dias de festa de Oxalá.
- 78 Nas giras de Umbanda, todas as joias devem ser guardadas.

- 79 Nas funções de candomblé, todas as joias devem ser guardadas durante a função. As mulheres poderão utilizar balangandãs para enfeitarem-se para as rodas de Sirê.
- 80 Todos devem cortar as unhas e mantê-las sempre higienizadas.
- 81 A casa respeitará os “estilos alternativos” das pessoas, mas não tolerará desleixo com a higiene pessoal.
- 82 Recomenda-se cautela quanto ao uso de pirsings. Esses devem ser discretos, nunca a mostra de maneira ostensiva.
- 83 Recomendamos cautela quanto à realização de tatuagens. Consulte seu(a) Babalorisá/Yalorisá, pois há imagens que soam ofensivas aos Orixás e há locais específicos do corpo que não devem ser tatuados.

Pernoite no terreiro

- 84 A partir das 21 horas, em dias de função, o barracão ficará disponível para o descanso de todos que estiverem participando dos trabalhos da casa.
- 85 O despertar ocorrerá sempre 07:30h, para todos e todas.
- 86 Cada filho da casa deverá trazer seu colchonete, roupa de cama, roupa de banho, material de higiene e etc.
- 87 Todos os filhos e filhas que estiverem cumprindo preceitos, obrigatoriamente dormirão no terreiro nas sextas feiras até o final de seu resguardo.

V Rituais

- 88 A casa é de Candomblé. Todos os filhos da casa se subordinam à hierarquia estabelecida pelo(a)

zelador(a) a partir da lógica ritualística da nação Ketu. Esse princípio é válido inclusive para os ritos de Umbanda.

- 89 Jamais ocorrerão ritos de Candomblé e Umbanda em um mesmo dia. Essas são duas práticas religiosas muito diferentes que dividirão unicamente o salão e a cozinha do complexo templário, em datas diferenciadas estabelecidas para a efetivação de cada culto.
- 90 No mês de novembro de cada ano o(a) zelador estabelecerá o calendário de festas e homenagens aos Orixás, assim como o Calendário de giras de Umbanda.
- 91 Nenhum rito de Umbanda poderá ocorrer dentro dos quartos de Orixás.
- 92 Nenhum rito de Orixá poderá ocorrer dentro do quarto de Ayekurus (Exus e Pomba-Giras de Umbanda).
- 93 Nenhuma entidade de Umbanda poderá tocar nos objetos sagrados dos Orixás, Ojubós e instrumentos ritualísticos utilizados em ritos de Candomblé.
- 94 Nenhum Orixá tocará em materiais de uso de entidades de Umbanda.
- 95 Nenhuma entidade de Umbanda poderá se manifestar em dias de ritos de Candomblé.
- 96 Nenhum Orixá poderá se manifestar em horários de ritos de Umbanda.

Giras de Umbanda

- 97 Os ritos de Umbanda serão dirigidos por Pai Joaquim, Caboclo Ubirajara e Seu Tranca Ruas, todas entidades que incorporam no atual Zelador da casa. Esses mentores receberão ainda o auxílio operativo de entidades designadas unicamente por

- Pai Joaquim como segundas e terceiras chefias da casa.
- 98 As segundas e terceiras chefias poderão ser substituídas sempre que recomendado pelo mentor espiritual dos ritos de Umbanda.
- 99 Na ausência do Zelador, as giras de Umbanda serão dirigidas por Pai Lourenço, segunda chefia das giras dessa casa.
- 100 Nenhuma entidade poderá receitar ebós, presentes e rituais de Candomblé para nenhum consulente. Essa é uma tarefa executada exclusivamente pelo(a) Babalorisá/Yalorisá por meio do jogo de Búzios).
- 101 Entidades de Umbanda e Orixás devem ser obedientes e respeitosos para com as Ekejis e com o(a) Zelador(a). Devem respeitar os Ogãs ser atenciosos com os filhos da casa.
- 102 Nenhuma entidade de Umbanda poderá dar ordens de forma arrogante quando estiverem sendo cambonadas. Devem agir de forma educada, sempre solicitar “por favor” e sempre agradecer quando for atendida.
- 103 Todos os filhos da casa devem tratar respeitosamente as entidades de Umbanda pelos seus nomes, utilizando ainda termos como “meu senhor”, “minha senhora” “meu vovô(ó), sempre pedir-lhes a benção e sempre auxiliar quando solicitado.
- 104 Não existe entidade mais ou menos importante, mais ou menos rara, mais ou menos respeitável que outra. Todas devem ser tratadas de forma respeitosa, carinhosa e acolhedora.
- 105 Nunca se pega nada ou se entrega nada com uma mão só a uma entidade. Sempre deve-se usar as

- duas mãos e curvar-se de forma respeitosa para ofertar os objetos.
- 106 Nenhuma entidade deve esquecer-se de pegar objetos com as duas mãos ao serem atendidas por seus cambonos.
- 107 Entidades jamais poderão chegar no terreiro de forma espalhafatosa. Jamais poderão utilizar-se de vocabulário de baixo calão. Jamais poderão elevar a voz umas com as outras, nem com os filhos da casa e menos ainda com assistentes.
- 108 Em situações especiais, com os devidos controles e cuidados, animais de estimação poderão ser levados ao terreiro para serem benzidos.
- 109 Se for dada a ordem para uma entidade de Umbanda desincorporar, essa deve obedecer imediatamente.
- 110 Mulheres menstruadas poderão participar das giras de Umbanda como cambonas. Poderão incorporar suas entidades, mas sempre para trabalhos leves, nunca para realização de trabalhos pesados de descarrego ou desobsessão. Os guias de frente de cada médium devem passar as recomendações que desejam para suas filhas, no sentido de orientar o que ela deve fazer antes da gira nos dias de regra menstrual (banhos, preparações, etc.).

Funções de Orixás e festas de Candomblé

- 111 Orixás raramente falam. Quando se comunicam, estes sempre falam muito objetivamente, bem baixinho e com pessoas da casa, jamais com assistentes.
- 112 Abiãs e yawos nunca entregam ou recebem objetos para (ou de) um Orixá de pé. Sempre se ajoelham diante dele para pegar ou entregar-lhes

- algo. Um(a) Egbome poderá entregar ou pegar objetos de pé quando o Orixá estiver manifestado em um(a) yawo mais novo. Porém, deve curvar-se de forma respeitosa e usar as duas mãos para o repasse do objeto.
- 113 Nenhum Orixá (exceto Osolufon) jamais entrega ou recebe nada de pé. Mesmo os Orixás mais velhos sempre se abaixam para pegar ou entregar objetos. Apenas Orisás de Egbomes se curvam sem se abaixar.
- 114 Jamais se entrega nada a Osolufon de pé. Osolufon jamais se abaixa ou adoba para ninguém, no máximo se curva flexionando um pouco os joelhos.
- 115 Todos os(as) Orisás adobam para o(a) Babalorisá/Yalorisá, exceto os Oxalás. Osoguiam se ajoelha para cumprimenta-lo(a). Osolufon apenas se curva levemente e flexiona um pouco os joelhos.
- 116 Exceto Osolufon, todos os(as) demais Orixás se cumprimentam abaixando-se um diante do outro, abraçando-se e se levantando juntos.
- 117 Osolufon não precisa se abaixar, mas os(as) demais Orisás se abaixam diante dele para cumprimenta-lo.
- 118 Todas as vezes que o(a) Babalorisá/Yalorisá for adobar (seja em que situação for), todos os Orisás e filhos da casa devem se por de “surrão” (de joelhos, batendo paó contínuo com a cabeça baixa). Essa regra não se aplica a Osolufon, que pode permanecer de pé, porém curvado e batendo paó.
- 119 Sempre que um Osolufon chegar, independente da idade, deve ser posto sentado confortavelmente em

- uma cadeira. A mesma regra se aplica aos Orisás cujos filhos possuem cargos na casa.
- 120 Quando o(a) Babalorisá/Yalorisá estiver falando, ensinando algo ou educando um filho, esse (independente da idade) deve ajoelhar-se.
- 121 Exceto os Osalás dos filhos iniciados da casa, todos os demais Orisás adobam para o(a) seu(a) Babalorisá/Yalorisá.
- 122 Exceto os Osalás dos filhos iniciados da casa, todos os demais Orisás adobam para Osolufon do atual Babalorisá da casa.
- 123 Quando o Babalorisá/Yalorisá entrar em transe, todos os Orisás dos filhos deverão se manifestar imediatamente.
- 124 Todos os filhos da casa, independente da hierarquia, devem adobar para o Orisá Osolufon do atual Babalorisá da casa. Deve-se, nesse caso, seguir a ordem de idade de iniciação.
- 125 Todo Orisá é grandioso(a). Portanto, do Zelador ao abiã, todos adobam para os Orisás que chegarem no Ilè. Sejam eles feitos ou não.
- 126 É função dos Ogãs: administrar junto com os(as) Egbomes a manutenção e a limpeza do espaço físico; organizar e executar os rituais de sacrifícios, do início ao fim; entoar os cânticos sagrados e tocar os instrumentos do terreiro.
- 127 É função das Ekejis: Cuidar dos Orisás da casa quando esses se manifestarem; hidratar os filhos manifestados com seus Orisás oferecendo-lhes água; pôr panos, ou vestir os Orisás para os rituais internos e públicos; puxar as rodas de Candomblé e desvirar os Orisás manifestados.
- 128 Nenhum Orixá poderá desvirar-se sozinho. Sempre deverá ser desvirado(a) por um(a) mais velho(a), Ekeji ou Ogã.

- 129 Yawos que ainda não tomaram obrigações de 7 anos são desvirados deitados em esteiras. Após essa obrigação, podem ser desvirados sentados em bancos ou cadeiras, caso haja tempo e disponibilidade de espaço para isso. Oxalá jamais será desvirado em uma esteira, sempre sentado em um banco ou cadeira.
- 130 Após desvirado, o filho da casa deve levar sua testa ao chão e pedir motumbá a quem lhe desvirou. Em seguida, adobar para seu sacerdote/sacerdotisa.
- 131 Se for dada a ordem para um Orixá ser desvirado, esse deve obedecer de imediato.
- 132 Não existe Orixá mais ou menos raro, Orixá mais ou menos venerável, Orixá mais ou menos importante. Todos devem ser tratados da mesma forma, sempre com respeito e carinho. Do Orisá de um(a) yawo ao Orisá de um Babalorisá/Yalorisá, todos são igualmente divinos.
- 133 Mulheres menstruadas podem participar das funções. Não poderão, porém, segurar bichos em rituais de sacrifícios, nem realizar o abate dos mesmos. Não poderão bater ibossé. Recomenda-se consultar os calendários, para que Boris, obrigações e iniciações ocorram fora do período menstrual.
- 134 Durante os ritos de Orisás, sejam eles quais forem, os(as) yawos devem usar seus diloguns.

Preceitos e recolhimentos

- 135 O preceito para o eborizados será sempre de 7 dias.
- 136 O preceito para yawos será de 3 meses e uma semana, a contar da data de sua efetiva iniciação.

- 137 O preceito para obrigacionandos, Ekejís e Ogans será de 21 dias.
- 138 O recolhimento de yawos é de no mínimo 21 dias. Depois disso ele cumprirá o restante de seu preceito em sua casa e seguirá a rotina normal de trabalho, caso o tenha.
- 139 Os kelès deverão ser portados pelos(as) yawos e obrigacionados(as) em seu dia-a-dia.
- 140 O recolhimento de obrigacionandos(as), Ekejís e Ogans é de no mínimo 7 dias, e no caso dos que portam kelès, o preceito deve ser cumprido no barracão, ou em suas casas, desde que ostentem tal paramenta.
- 141 O conteúdo do preceito será informado aos(às) yawos, Ekejís, Ogãs, e obrigacionandos(as) por seu pai/mãe criador(a).
- 142 Quando iniciado(a), qualquer yawo de Osalá deve estar consciente que o período de uso exclusivo do branco poderá ser de um ano, caso o bori de seu primeiro ajodun seja ofertado em tempo correto. Caso atrase, o iniciado poderá ter que permanecer de branco até o fim do preceito de sua primeira obrigação.
- 143 O uso de roupa de cor para iniciados de Osalá só será flexibilizado para as horas do dia em que estiver trabalhando. A roupa branca deverá ser colocada tão logo se chegue em casa.
- 144 Todos os iniciados no Candomblé devem usar branco na sexta feira em honra a Osalá.
- 145 Importante esclarecer que preceito é obrigação do iniciado. Os Orisás jamais impedirão ninguém de quebrar os preceitos. É um voto voluntário do iniciado, por isso os Orisás não interferem em seu cumprimento.

- 146 Todos que estiverem de preceito devem manter a cabeça baixa, mesmo diante dos abiãs. Para os Orisás, levantar a cabeça é ato desrespeitoso.
- 147 Quebra de preceito (iniciação e obrigações) implica, obrigatoriamente, no imediato desligamento da casa.
- 148 Yawos que foram iniciados(as) em outras casas e que quebraram o preceito, em princípio, não serão aceitos no Ilè Alaketu Àse Babá Oloriginbin. Trata-se de falta grave e desonrosa. Em casos muito especiais, poderão tomar obrigações e entrar para o Ilè, desde que aceitem cumprir os 3 meses de preceito após suas obrigações.
- 149 Somente os filhos com missão de sacerdócio receberão Igbasé em suas obrigações de 7 anos. Esse rito envolve custos de salva.
- 150 Todos que estiverem de preceito ou em função devem obedecer as seguintes normas, tanto no terreiro, quanto suas casas.:
- a) abstinência sexual;
 - b) abstinência alcoólica;
 - c) não sair a noite;
 - d) só usar telefone e internet para fins de trabalho, jamais para lazer;
 - e) evitar tocar nas pessoas, abraçar ou apertos de mão;
 - f) Permanecer de cabeça baixa;
 - g) Uso do branco durante todo o período;
 - h) Dormir e sentar-se em esteiras, jamais no alto;
 - i) Não dividir esteiras com ninguém, exceto irmãos de barco (em caso de iniciados de kelè);
 - j) Alimentar-se com canecas e pratos de ághate até sua obrigação de 7 anos;

- k) Não usar garfo e faca, não comer em restaurantes.
- l) Jamais envolver-se em brigas e discussões;
- m) Não atender porta, caso haja alguém que possa fazer isso.
- n) Alimentar-se adequadamente, evitando os interditos.

Atabaques e instrumentos sagrados

151 Não tocar os atabaques de forma leviana. Eles foram consagrados a três Orixás. Portanto, são sagrados.

152 Não tocar nos adjás, seres, caxixis, agogôs e xekerès de forma leviana. Eles foram consagrados aos(as) Orixás. Portanto, são sagrados.

Hierarquia e educação de axé

153 Nunca se interrompe o(a) Zelador(a) quando este estiver conversando com alguém. Caso seja importante, peça agô, espere pacientemente e manifeste-se ao ouvir a palavra “agoyá”.

154 Diante do Babalorisá/Yalorisá, seja em dia de festa ou em dia de função, é de bom-tom que os filhos se abaixem próximo a ele para dirigir a palavra. Ai então disser “agô”(licença) e esperar a resposta “agoiá”.

155 Para falar com mais velhos, Ogãs, Ekejis e autoridades sacerdotais de outros asés, deve-se pelo menos curvar-se.

156 Os filhos e filhas da casa jamais devem se portar de maneira desairosa no terreiro ou inconveniente, porque do seu comportamento decorre a divulgação e o bom ou mau nome da casa.

- 157 Os filhos da casa não devem passar pelo seu zelador com a cabeça erguida, e sim um pouco curvado para frente.
- 158 Abiãs e yawos só podem se sentar em cadeiras mediante a autorização do(a) seu(a) Zelador(a).
- 159 Ninguém poderá jamais se sentar em soleiras de portas. É ofensivo para com Esú.
- 160 Nenhum filho da casa pode ser descortês, nem com os irmãos do terreiro, nem com visitantes. Mesmo as pessoas mais simples devem ser tratadas como visitas muito respeitáveis, pois elas estão na casa para visitar os Orisás. São convidados dEles.
- 161 Nenhum filho da casa poderá tornar publico as coisas que participarem em caráter de segredo na casa de santo.
- 162 Líquidos e comidas são sempre servidas em bandejas e mesas postas, seja para quem for.
- 163 Os filhos da casa devem colaborar com as listas de compras de cada função.
- 164 Após as festas e funções, os filhos da casa só poderão ir para suas residências depois de agendar o retorno para arrumar e limpar o barracão, ou após efetuar a higienização do mesmo.

Roda de Candomblé

- 165 Somente as mulheres podem entrar nas rodas de Candomblé, salvo quando houver poucas pessoas para compor a roda.
- 166 A fila que dá origem à roda sempre obedecerá a ordem de idade de iniciação e será puxada pelas Ekejis.
- 167 As abiãs podem participar das rodas de candomblé. Devem usar os fios de conta de Osolufon, Osumarè, Oxossi e de seu Orisá.

- 168 Após tomarem suas obrigações de 7 anos, os(as) Egbomes podem usar Runjebis, diloguns mais requintados e contas especiais.
- 169 Todas os(as) ábiãs e yawos devem se abaixar na roda quando houver intervalo entre o canto de um orixá e outro no sirè.
- 170 Respeite sempre os ritos de outras casas. Não há certo e errado, apenas ritos diferentes entre os àses do Candomblé.
- 171 Deve-se pensar duas vezes antes de envolver o(a) sacerdote/sacerdotisa e irmãos(as) mais velhos(as) em determinadas brincadeiras de mau-gosto.
- 172 Sempre que for servir algum mais velho de santo, deve-se levar o pedido numa bandeja ou prato e abaixar-se para servir.
- 173 Não há manifestação de Orisás na primeira parte da roda de Candomblé.
- 174 Informar-se sempre das cantigas específicas que evocam as divindades. Caso ocorra manifestação, as Ekejis devem levar os Orisás para o Sabaji e orientá-los firmemente (com carinho, mas firme) sobre sua inadequação.

VI Recomendações finais

- 175 É absolutamente proibido fumar em qualquer local do complexo templário. Os fumantes deverão sair do terreiro para fumar e não permanecer na porta do mesmo, ou na calçada em frente a porta.
- 176 Manter celulares desligados, ou em modo silencioso.
- 177 O terreiro é espaço sagrado. Dentro do mesmo não serão tolerados apelidos degradantes, brincadeiras inapropriadas, assédio, bulling e/ou outras formas de agressão.

- 178 São consideradas faltas graves, passíveis de desligamento imediato do Ilè: quebra de preceito; assédio sexual ou prática sexual dentro do templo, masturbação dentro do templo, agressões físicas de qualquer natureza; uso de drogas ou substâncias ilegais dentro da casa sagrada; profanações intencionais; difamação do Ilè ou de seu egbé; difamação de seu(a) Babalorisá/Yalorisá; roubo/furto dentro e/ou fora do ilè; comportamento social degradante, que macule a imagem da casa e de seu egbé.
- 179 Caso um filho deseje desligar-se da casa, tudo aquilo que ele comprou para si e para seu Orisá e que de fato lhe pertence lhe será entregue, inclusive seus Igbá-Orisás, materiais de entidades etc. Entretanto, os Otás (pedras sagradas) poderá ser retido pelo(a) sacerdote, pois é a parte do igbá que lhe pertence.
- 180 A casa recomenda presença frequente de todos. Evidentemente situações justificadas serão comunicadas e, se justas, serão aceitas como motivos para a ausência do filho de giras e/ou funções. Porém, o zelador cobrará salva daqueles filhos e filhas que nunca participam de nada e que em dado momento, recorrem ao terreiro para resolverem problemas particulares.
- 181 Todos os filhos e frequentadores devem ter a compreensão que a casa tem custos (impostos, água, luz etc.). Devem então pagar pelo jogo de búzios e, no caso dos filhos manter suas mensalidades em dia. No caso de abiãs e yawos carentes, esse pagamento poderá ser substituído por colaborações na forma de trabalho voluntário na limpeza e manutenção da casa.

- 182 Os filhos da casa com missão de sacerdócio poderão solicitar ao Babalorisá que plante o Asé de sua casa, após receber seus direitos em obrigação de 7 anos. Nesse caso haverá custos de salva.
- 183 É absolutamente proibido a todos (iniciados e não iniciados) adentrarem o Roncó. Só façam isso se forem iniciados e se forem convidados pelo(a) sacerdote/sacerdotisa.
- 184 É absolutamente proibido a todos (iniciados e não iniciados) adentrarem o quarto de Babá Egungun. Só façam isso se forem iniciados e se forem convidados pelo(a) sacerdote/sacerdotisa.

